



# Indicadores Econômicos Conjunturais

- ✓ Brasil
- ✓ Rio Grande do Norte

Junho 2017

# Cenário Internacional

## **Demanda global mais aquecida é favorável aos emergentes**

A atividade econômica mundial cresceu com mais força no segundo trimestre. A demanda dos EUA e da União Europeia continuou aquecida, favorecendo as exportações dos emergentes. O PIB americano registrou crescimento anualizado de 2,6% no segundo trimestre, depois de avançar 1,2% no primeiro; a taxa de desemprego encontra-se em 4,4%. Com este cenário pró-crescimento, o FED elevou a taxa de juros na reunião de junho pela terceira vez em três trimestres, para uma faixa entre 1% e 1,25%. Um terceiro aumento está planejado ainda para este ano. Registre-se que o aumento dos juros americanos não têm pressionado o déficit em conta corrente do Brasil (balanço com o resto do mundo), que vêm sendo compensado pelo investimento direto no país e pelo superávit da balança comercial.

A crise econômica da Europa, iniciada em 2011, parece, finalmente, ter ficado para trás. O crescimento da atividade na União Europeia foi estimado em 2,2% no segundo trimestre e 2,1% no zona da euro. Em ambos os casos, trata-se da taxa mais alta dos últimos quatro trimestres. Entretanto, com o desemprego ainda acima dos 5% (9,3% em abril) e inflação abaixo da meta de 2%, o BCE deve manter, pelo menos até o final do ano, o programa de compra de € 60 bilhões em títulos e não alterar a taxa atual de juros.

Os investimentos em imóveis na China continuam sólidos, beneficiando, particularmente, as exportações de minério de ferro do Brasil, cujos preços subiram acima dos níveis de 2016 nos últimos meses. As exportações do minério vêm sendo favorecidas tanto pelo aumento da demanda como dos preços. A China vem crescendo a uma taxa média de 6,5% ao ano. Os analistas econômicos consideram, no entanto, que o cenário atual do país não deve perdurar, considerando que a contrapartida das taxas crescimento é um elevado endividamento doméstico, estimado em mais de 300% do PIB no primeiro trimestre (Instituto de Finanças Internacionais, segundo Michael Pettis, entrevista ao Valor Econômico em 14 de julho). Dessa maneira, é consensual a avaliação sobre a necessidade de a economia sofrer ajustes em seu modelo de crescimento, de reduzir a ênfase nos investimentos e aumentar o consumo interno. Essa virada é tida como provável a partir de 2018 e, inevitavelmente, levará a mais uma fase de declínio nos preços de *commodities metálicas*, afetando, particularmente, países exportadores de matérias-primas, como o Brasil.

# Síntese - Cenário Nacional

A economia nacional manteve o ritmo do primeiro trimestre até o final de maio. O período janeiro-março sustentou a lenta trajetória de redução nas taxas de contração, iniciada em 2016. Mesmo assim, a média de crescimento do PIB, de 1% em relação ao último trimestre de 2016 (com ajuste sazonal), tem sido apreciada com reservas por estar excessivamente atrelada ao excelente desempenho do agronegócio, e em menor grau, da mineração, em contraposição a variações negativas na maior parte das atividades.

Até o final de maio, a falta de sincronia na reação dos setores econômicos se manteve. A trajetória oscilante, com taxas positivas de crescimento, intercaladas por contrações, também prevaleceu, tomando-se por base indicadores antecedentes do PIB, descritos a seguir.

Depois de crescer 0,3% entre março e abril, o IBC-Br, do Banco Central, registrou variação de -0,5% em maio/abril (com ajuste sazonal). Nas mesmas bases de comparação, o Monitor do PIB, da FGV, assinalou variações de 0,4% e -0,9%. Em todos os períodos de referência (maio 2017/maio 2016 e 12 meses até maio 2017 contra igual período do ano anterior), o desempenho de ambos os indicadores foi negativo, mas todos em menor intensidade em relação a igual período de 2016/2015. Por exemplo, no período janeiro-maio de 2017, o indicador do Banco Central declinou -0,05% contra -5,91% na mesma base do ano anterior. O PIB estimado pela FGV variou -0,3% e -1,7%, respectivamente. (Detalhes na seção correspondentes).

Entre os setores econômicos, ainda no acumulado até maio de 2017, apenas a Agropecuária cresceu (13,1%), enquanto Comércio e Serviços recuaram -1,3%, com maior destaque para intermediação financeira (-3,1%), e amenizado pelos serviços imobiliários (-0,6%), segundo o Monitor do PIB, da FGV. O PIB do conjunto da Indústria declinou (-1,5%), puxado pela Construção (-7,3%), seguida da Transformação (-0,6%). Em contrapartida, o comportamento favorável da Extração Mineral (7,0%) e do agrupamento de Eletricidade, gás e água (2,1%) contribuíram para a suavização do recuo. Registre-se que a recuperação da indústria ainda está, em grande parte, condicionada ao mercado externo: aumento dos embarques de minério de ferro para a China e de automóveis para o México e Chile.

# Síntese - Cenário Nacional

Independentemente da Agropecuária, e mesmo em ritmo lento, a Indústria é a atividade que vem apresentando melhor performance ao longo do ano.

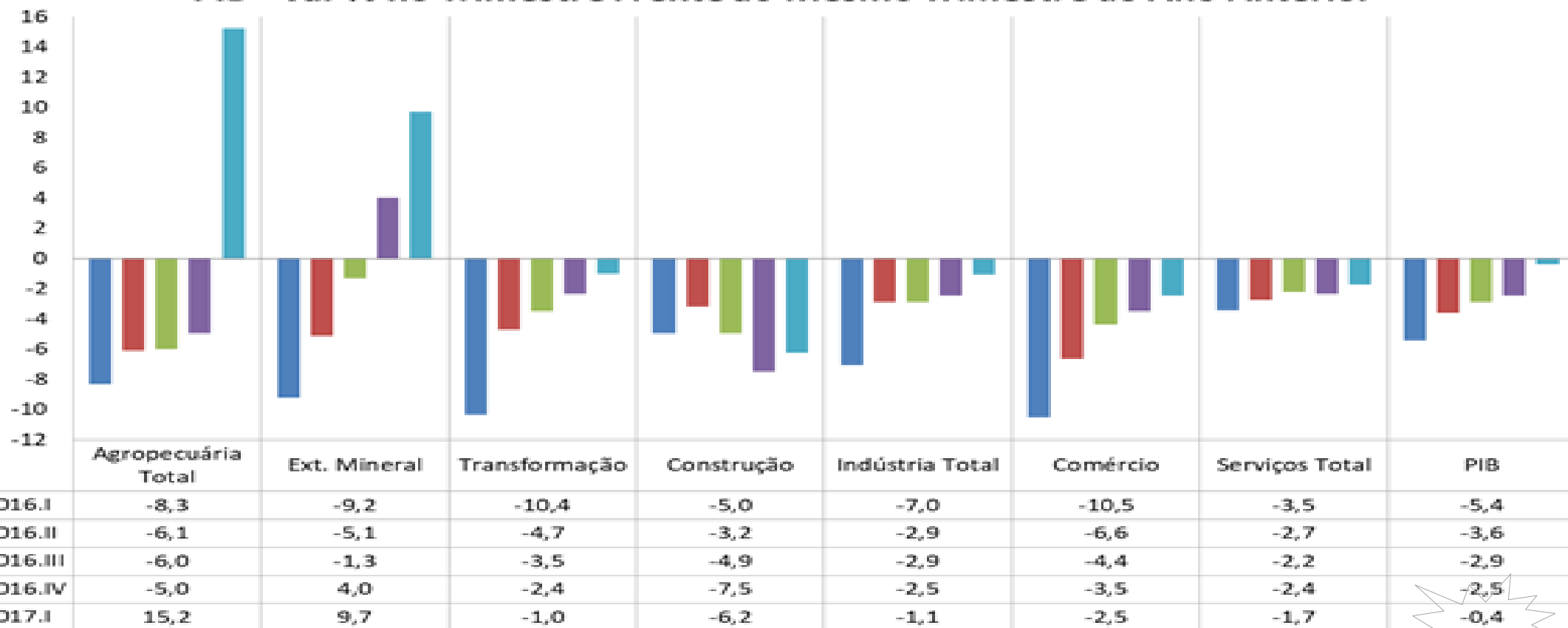
O desempenho dos investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo – FBCF, medida pelo consumo aparente de máquinas e equipamentos e da construção, principalmente) ainda é negativo, mas com taxas em moderação. Até maio de 2017, os investimentos na economia nacional variaram -3,9% ante igual período de 2016, contra -15,0% em igual período de 2016/2015.

A contração do consumo das famílias também vem perdendo força, com variações de -1,2% e -5,7% nas bases até maio de 2017/2016 e 2016/2015, respectivamente.

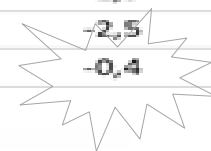
No que diz respeito às Unidades da Federação comparadas entre si, o desempenho da economia revela-se, também, desigual de acordo com projeção regional do PIB da 4E Consultoria, tomando por base a média móvel trimestral terminada em abril comparativamente ao trimestre terminado em janeiro (com ajuste sazonal). Nesta série, 16 estados cresceram e 11 apresentaram retração. O PIB variou entre um máximo de 8%, no Mato Grosso, e um mínimo de -3,0% no Pará. No Rio Grande do Norte, o crescimento real foi estimado entre 0% e 1%, de acordo com os dados disponibilizados. (Ilustração na seção correspondente).

# Economia nacional continua reduzindo perdas

PIB - Var % no Trimestre Frente ao Mesmo Trimestre do Ano Anterior

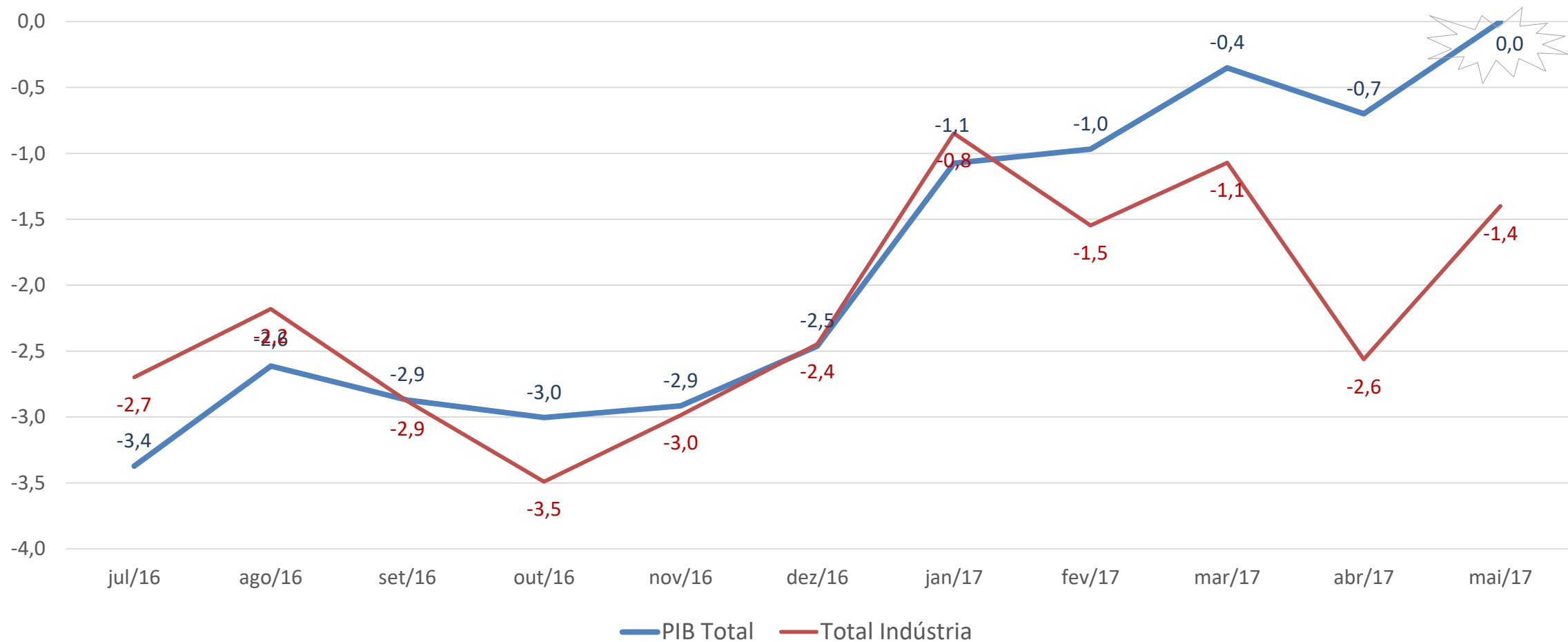


Fonte: IBGE. Elaboração: IEDI



# PIB 1º Trimestre de 2017 e Total Indústria

## Variação ante o mesmo trimestre do ano anterior (Em %)



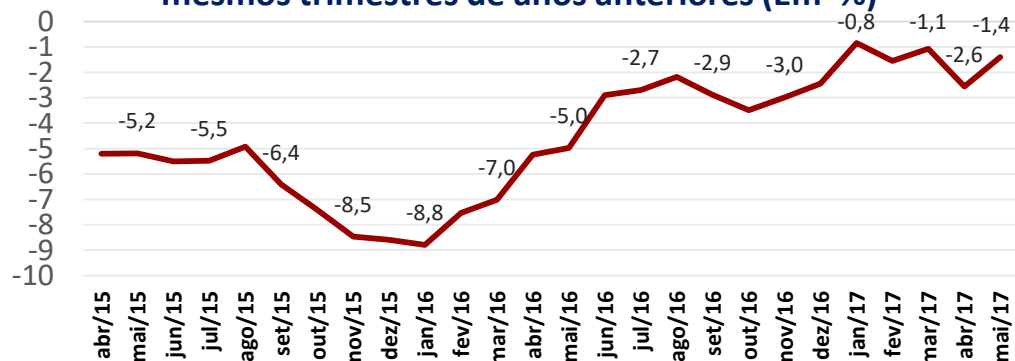
# Monitor do PIB-FGV

Taxa de variação trimestral do PIB (comparado aos mesmos trimestres de anos anteriores (Em %))



Fonte e elaboração: IBRE/FGV

Taxa de variação trimestral do PIB Indústria (comparado aos mesmos trimestres de anos anteriores (Em %))



Fonte: IBRE/FGV. Elaboração: FIERN.

## Varição Trimestral

Trimestre terminado em maio de 2017  
ante igual trimestre de 2016 = -0,7%

### Indústria

- variação média = -1,4%
- Extrativa Mineral = 5,2%
- Transformação = 0,2%
- Eletricidade, gás e água (SIUPs) = 0,9%
- Construção = -7,4%

# Antecedentes do PIB - Maio

## IBC-Br, do Banco Central

**Varição na produção maio 2017 / abril de 2017 (com ajuste sazonal) → -0,51%**

maio 2017 / maio 2016 → 1,40 %

maio 2016 / maio 2015 → -4,93 %

Janeiro-maio 2017 / janeiro-maio de 2016 → -0,05%

Janeiro-maio 2016 / janeiro-maio de 2015 → -5,91%

Acumulado nos últimos 12 meses até maio de 2017 → -2,23%

Acumulado em 12 meses até maio 2016 / 2015 → -5,45%

## Monitor do PIB, FGV - Maio

**Varição no PIB maio 2017 / abril de 2017 (com ajuste sazonal) → -0,90%**

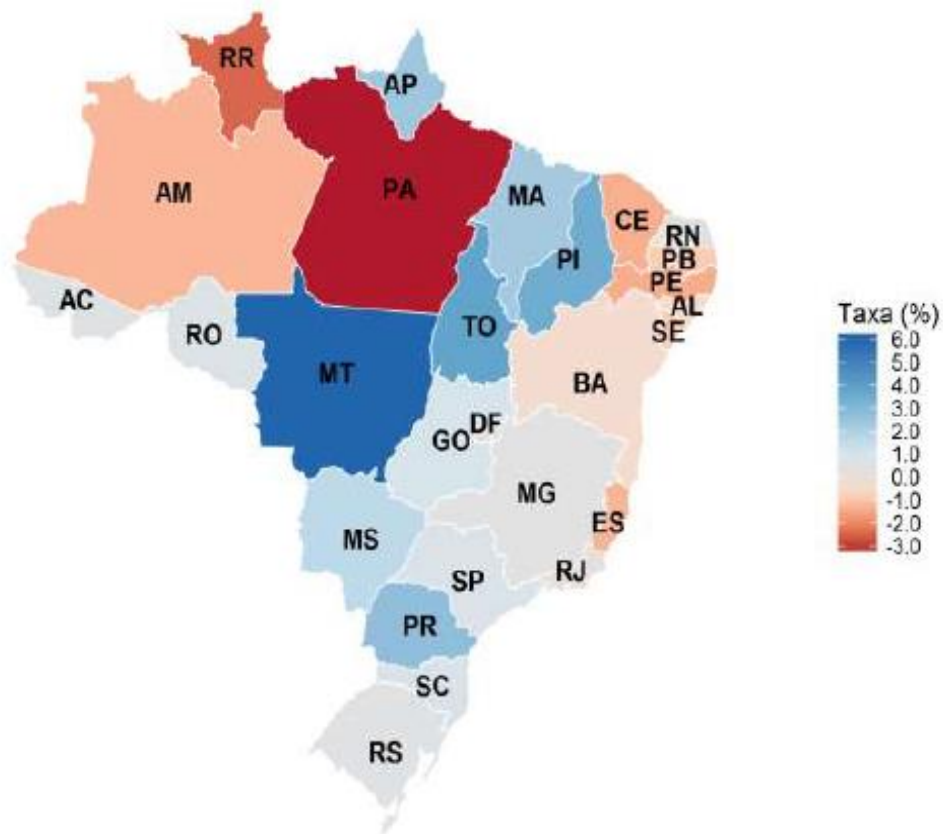
Maio 2017 / maio 2016 → 0,0%

Maio 2016 / maio 2015 → -4,8%

Janeiro-maio 2017 / janeiro-maio de 2016 → -0,3%

Acumulado em 12 meses até maio → -1,7%

# Estimativas do PIB Regional



Taxa de crescimento trimestral  
→ fevereiro-abril / novembro-janeiro  
(dessazonalizada)

De acordo com a 4E Consultoria, os resultados estimados para o período acima são timidamente positivos:

→ 16 UFs avançam e as outras 11 apresentaram recuo.

→ A variação média do PIB potiguar ficou entre 0% e 1%.

# Síntese - Cenário Nacional

## Desempenho aferido

### Indústria

Saindo dos indicadores antecedentes e entrando no desempenho setorial avaliado pelas pesquisas mensais do IBGE, a Pesquisa Industrial Mensal – PIM referente a maio, sinalizou um crescimento de 0,8% na produção física industrial ante abril (com ajuste sazonal) e de 4% em relação a maio de 2016, a maior taxa desde fevereiro de 2014. No acumulado até maio, o setor cresceu 0,5% contra variação de -9,6% na mesma base de 2016/2015, dados que reforçam a hipótese de que, realmente, a indústria se encontra em trajetória de recuperação. Nos doze meses finalizados em maio, a produção da indústria acumula variação de -2,4%, contra -9,5% no mesmo período de 2016/2015 (Detalhes na seção correspondente).

Levando em conta os macrossetores industriais e o período acumulado até maio, o setor de bens de capital (3,5%) (de fabricação de máquinas, equipamentos, transportes, etc. destinados ao setor produtivo) é o que vem mostrando melhor desempenho, estimulado pela safra agrícola e a indústria automotiva. Em seguida, destaca-se o setor de bens de consumo (1,1%), fortemente influenciado pelo subsetor de fabricação de bens de consumo duráveis (11,0%), como veículos automotores, reboques e carrocerias e eletrodomésticos, em contraposição à queda na fabricação de bens de consumo semiduráveis e não-duráveis (-1,2%); registre-se nestes os balanços ainda negativos dos segmentos de alimentos, produtos farmacêuticos e combustíveis, por um lado, e o crescimento da produção de têxteis, vestuário e calçados, por outro. Por fim, o macrossetor de bens intermediários (fabricação de matérias-primas e insumos) ainda apresenta balanço negativo (-0,3%), em virtude, principalmente, da queda na produção de insumos para construção e de alimentos intermediários. (Detalhes na seção correspondente).

O faturamento real da indústria também cresceu em maio (5,5% ante abril, com ajuste sazonal), de acordo com a pesquisa Indicadores Industriais, da CNI. Mas até maio, o setor acumula queda de 7,5%, ante igual período de 2016.

# Síntese - Cenário Nacional

Por seu turno, a Utilização da Capacidade Instalada avançou de 76,7% para 77,4% entre abril e maio, mas ainda muito abaixo da média histórica.

## Comércio e Serviços

O Comércio e os Serviços, que entraram em crise por último – entre o final de 2014 e o início de 2015 – vêm apresentando reação mais tardia. O varejo começou a moderar as contrações no volume de vendas (receita real) a partir de novembro de 2016 e apresentou o primeiro crescimento real em maio (ante maio de 2016), após 35 meses ininterruptos de queda. Nos primeiros cinco meses do ano, a receita real de vendas acumulou variação de -0,8%. Os Serviços, por sua vez, não crescem há 29 meses seguidos, e somente em maio apresentou a primeira suavização na contração da receita real ante igual mês de 2016 (-1,9%). Até maio, o volume de serviços variou -4,4%. Mesmo com resposta tardia e ainda pouco consistente, é importante considerar que as bases de comparação dos dois setores relativas a 2016 são muito fracas, superestimando, de certa forma, o real desempenho dos dois segmentos em 2017. A retomada do comércio está atrelada ao crescimento da massa salarial, que deverá ocorrer junto com a recuperação do emprego. No entanto há dois fatores que explicam a reação recente da atividade: a queda na inflação, que vem proporcionando aumento na renda real das pessoas ocupadas, a despeito da elevada taxa de desemprego, e a injeção de recursos, na economia, provenientes de saques de contas inativas do FGTS, até o mês de julho. Dessa maneira, ainda há dúvidas a respeito da continuidade da recuperação da atividade nos próximos meses. Os serviços, por sua vez, dependem tanto da massa salarial (serviços pessoais, de lazer, etc), como da demanda do setor produtivo e do setor público (atividades terceirizadas, como limpeza, segurança, consultoria, tecnologia da informação, publicidade, etc) e, em geral, dependem da recuperação conjunta da economia. Mesmo assim, é importante registrar que os serviços já se encontram em recuperação no Rio Grande do Norte, conforme mostrado na segunda seção.

O processo de recuperação, ainda que tênue, da indústria e do comércio, fez com que o número de pessoas ocupadas em atividades formais e informais aumentasse 0,4% para 89,687 milhões no trimestre móvel terminado em maio em

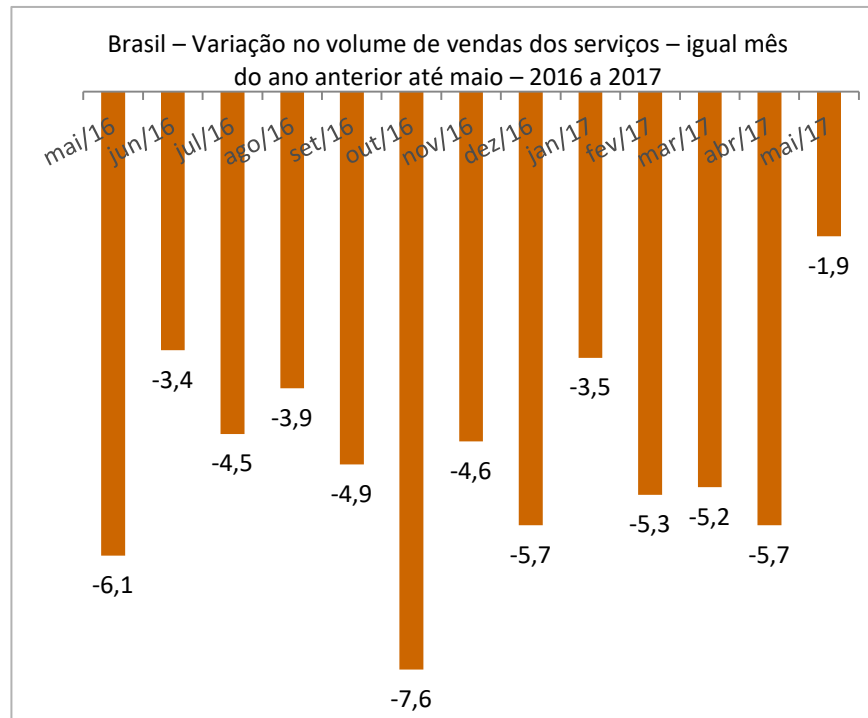
# Síntese - Cenário Nacional

relação ao trimestre terminado em fevereiro. No entanto, a oferta das 342 mil novas ocupações foi inferior ao aumento da demanda por empregos, fazendo com que a taxa de desocupação aumentasse de 13,2% para 13,3% no período. No mesmo trimestre de 2016, saber período março-maio, a desocupação média do país correspondia a 11,2%. A queda na inflação fez com que o rendimento médio real habitual do brasileiro aumentasse 0,3% para R\$ 2.109,00 entre o trimestre terminado em maio e o finalizado em fevereiro e crescesse 2,3% em relação ao mesmo trimestre de 2016.

A trajetória de recuperação em ritmo lento e oscilante de recuperação deve perdurar nos próximos meses. Por ora, a turbulência política desencadeada pela delação da JBS e as acusações envolvendo o presidente da república não chegaram a abalar significativamente a confiança do empresário industrial. Sobre este aspecto, vale, no entanto, lembrar que as condições atuais da economia (nacional, estadual e da própria empresa) ainda são avaliadas com pessimismo pelos empresários, e que, na realidade, são as expectativas em relação às condições econômicas nos próximos meses que vêm alimentando a alta da confiança empresarial. Tais perspectivas dizem respeito à melhora esperada no ambiente econômico em decorrência da aprovação das reformas previstas ainda pendentes, sobretudo a previdenciária, fundamental para o equacionamento da crise fiscal e fazer valer a já sancionada medida que limita os gastos públicos. No presente contexto, entende-se que a falta de segurança no ambiente de negócios gerada por contingências políticas torna os empresários ainda mais cautelosos, o que pode vir a retardar ainda mais a retomada dos investimentos.

## Volume de Serviços - Pesquisa Mensal de Serviços

	Maio /2017 Maio2016	Janeiro-maio 2017/ Janeiro-maio 2016	Acumulado nos Últimos 12 meses até maio
<b>VOLUME DE SERVIÇOS</b>	-1,9%	-4,4%	-4,7%



Fonte: IBGE – PMS, maio 2017. Com detalhes gráficos na seção do Rio Grande do Norte

**Volume de Serviços (receita real): → quatro subsetores cresceram em maio**

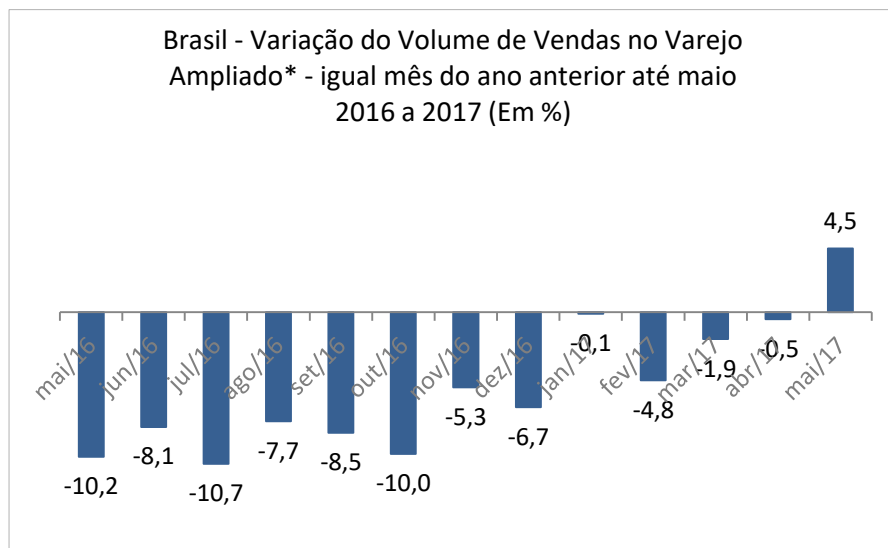
**Crescimento em maio →** Transporte aquaviário; Armazenagem, serviços auxiliares dos transportes e correio; Transporte terrestre e Serviços de alojamento e alimentação.

**Maiores quedas →** Serviços técnico profissionais; Transporte aéreo; Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias; Serviços administrativos e complementares ; Outros serviços prestados às famílias; Atividades turísticas; Serviço de Tecnologia da Informação – TIC.

→ No mês de maio, a receita real dos serviços (volume de serviços) do Brasil caiu com menos intensidade (-1,9%) em relação a maio de 2016 e ante as médias de meses anteriores. A variação mensal anualizada do indicador (ilustração no gráfico acima) está em queda há 29 meses (desde janeiro de 2015). O RN já cresceu três vezes nesta mesma base em 2017.

## Comércio Varejista - Pesquisa Mensal de Comércio

	Maio 2017/ maio 2016	Acumulado Janeiro-maio 2017 / Janeiro-maio 2016	Acumulado nos últimos 12 meses até maio
<b>VOLUME DE VENDAS</b>			
- Varejo Restrito	2,4%	-0,8%	-3,6%
-Varejo Ampliado *	4,5%	-0,6%	-5,2%



Fonte: IBGE – PMC, maio de 2017. \* Inclui o varejo restrito mais veículos e motos, partes e peças e material de construção. Com detalhes gráficos na seção do Rio Grande do Norte

**Volume de Vendas** – Varejo Ampliado → Crescimento em 8 dos 10 segmentos pesquisados

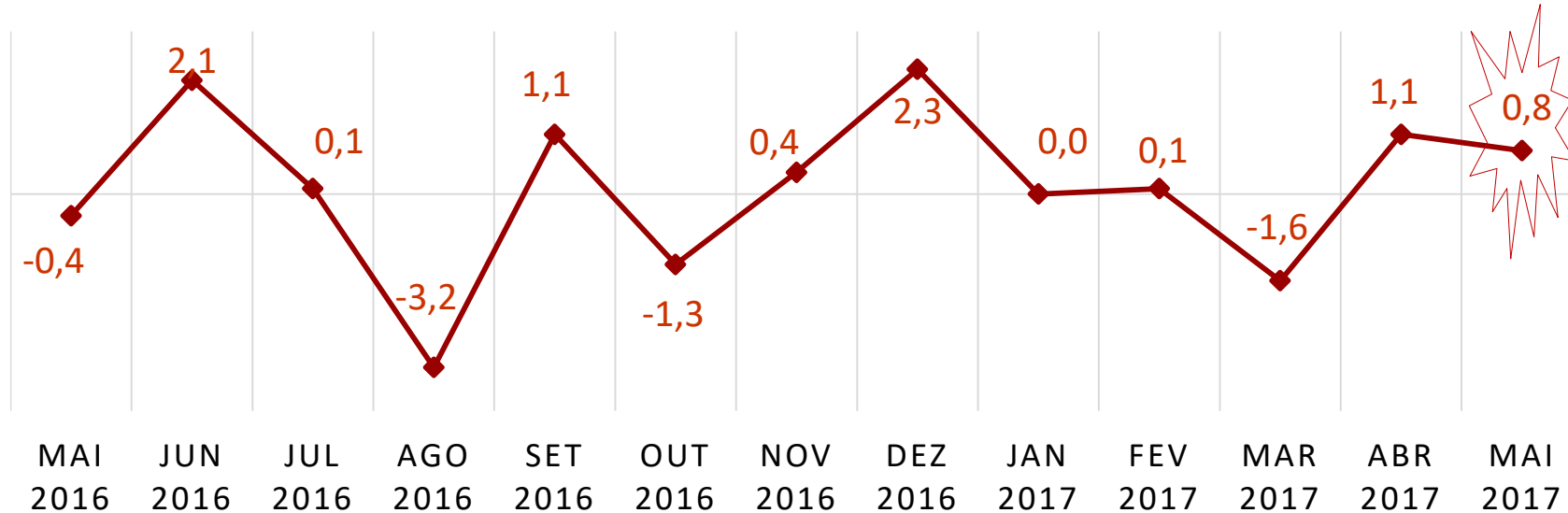
**Crescimento em maio** → Móveis e eletrodomésticos; Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; Material de construção; Livros, jornais, revistas e papelaria; Tecidos, vestuário e calçados; Hipermercados e supermercados; Outros artigos de uso pessoal e doméstico Veículos e motos, partes e peças.

**Maiores recuos p/ ordem decrescente de retração** → Combustíveis e lubrificantes e Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação.

→ Após 35 meses ininterruptos sem crescimento (desde junho de 2014), o varejo ampliado nacional assinalou crescimento em maio ante igual mês de 2016 (4,5%). Registre-se que a intensidade das quedas da receita real de vendas (volume de vendas) já vinha perdendo força desde novembro de 2016. No acumulado até maio, as vendas reais variaram -0,6% e -5,2% em 12 meses até maio, enquanto nas mesmas bases de 2016 as médias corresponderam a -9,5% e -9,7%, respectivamente.

# Indústria Nacional

Produção Industrial PIM-PF/IBGE –  
(variação mês/mês anterior, com ajuste sazonal), em %



Variação na produção maio 2017 / abril de 2017 (com ajuste sazonal) → 0,8%

Maio 2017 / maio 2016 → 4,0%

Maio 2016 / maio 2015 → -7,3%

Janeiro-maio 2017 / janeiro-maio de 2016 → 0,5%

Janeiro-maio 2016 / janeiro-maio de 2015 → -9,6%

Acumulado nos últimos 12 meses até maio de 2017 → -2,4%

Acumulado em 12 meses até maio 2016 / 2015 → -9,5 %

## Variações da produção industrial – Maio 2017 (em %)

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,8	4,1	0,5	-2,4
Bens de capital	3,5	7,7	3,5	0,9
Bens intermediários	0,3	2,9	-0,3	-2,9
Bens de consumo	1,3	5,0	1,1	-2,3
Bens de consumo duráveis	6,7	20,8	11,0	0,4
Semiduráveis e não duráveis	0,7	1,4	-1,2	-3,0
Extrativa Mineral	0,2	2,9	6,4	-1,4
Transformação	1,2	4,1	-0,2	-2,6

Fonte: Carta IEDI 795. 7 de julho de 2017, de acordo com a PIM-PF/IBGE de maio de 2017

### **Faturamento da indústria aumenta 5,5% em maio (CNI – Indicadores Industriais)**

→ De acordo com a pesquisa Indicadores Industriais, da CNI, o faturamento real da indústria nacional cresceu 5,5% na passagem de abril para maio, após variar -3,1% entre março e abril (com ajuste sazonal). Mesmo assim o setor acumula queda (-7,5%) até maio, ante igual período de 2016. Por seu turno, a Utilização da Capacidade Instalada avançou para 77,4% em maio, após recuar de 77,2% para 76,7% entre março e abril.

# Produção Industrial – Brasil e Região Nordeste

Taxa de Crescimento Acumulado – Janeiro-Maio de 2017 / Janeiro-Maio de 2016

Região	Principais contribuições positivas	Principais contribuições negativas
Brasil (0,5%)	Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (19,7%)	Impressão e reprodução de gravações (-9,8%)
	Veículos automotores, reboques e carrocerias (13,0%)	Outros equip. de transporte, exceto veículos (-9,3%)
	Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (6,9%)	Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-8,1%)
	Confecção de artigos do vestuário e acessórios (6,6%)	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-7,2%)
	Metalurgia (4,5%)	Farmoquímicos e farmacêuticos (-4,9%)
Nordeste (-1,6%)	Veículos automotores, reboques e carrocerias (30,6%)	Metalurgia (-15,8%)
	Confecção de artigos do vestuário e acessórios (9,5%)	Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-11,0%)
	Preparação de couros e artefatos de couros, artigos para viagens e calçados (5,5%)	Produtos de minerais não-metálicos (-8,0%)
	Produtos têxteis (2,0%)	Produtos de metal exceto máq. e equip. (-6,3%)
		Indústrias extrativas (-4,4%)

# Cenário Nacional

## Movimento no mercado de trabalho

A taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade do país alcançou de 13,3% no trimestre terminado em maio, ante 13,2% no trimestre finalizado em fevereiro e 11,2% no trimestre março-maio de 2016. A desocupação atingiu 13,771 milhões de pessoas, com crescimento de 1,7% em relação ao trimestre terminado em fevereiro e 20,4% em comparação com o mesmo trimestre de 2016.

O número de ocupados em atividades formais e informais correspondeu a 89,687 milhões de pessoas no trimestre terminado em maio, assinalando crescimento de 0,4% em relação ao trimestre terminado em fevereiro (aumento de 342 mil empregados). Contribuíram para este crescimento o comércio e os serviços, com 399 mil empregados (0,6%) e o conjunto da indústria com 74 mil. Saliente-se, no entanto, que, se forem desdobrados os registros da indústria, constata-se que a construção continuou liderando o corte de pessoal (-271 mil no período ou -3,9%), enquanto o restante do setor (indústria geral) acrescentou 344 mil empregados (3,0%); a agropecuária diminuiu seu contingente de ocupados em 143 mil pessoas (-1,6%).

Em relação ao trimestre terminado em maio de 2016, o número de pessoas ocupadas caiu 1,3%, equivalente a um corte de 1,161 milhão de ocupações. Neste caso, apenas comércio e serviços contribuíram para amenizar os cortes de mão de obra ao criarem 394 mil empregos (0,6%); o conjunto da indústria cortou 1,162 milhão de empregados, liderada pela construção (-793 mil ou -10,6%); a indústria geral perdeu 89.000 (-0,8%); e a agropecuária diminuiu seu contingente em 684 mil pessoas (-7,3%).

O rendimento real habitual do brasileiro, obtido com todos os trabalhos, atingiu a média de R\$ 2.109,00 no trimestre terminado em maio, com crescimento de 0,3% ante o trimestre terminado em fevereiro e incremento de 2,3% em relação ao mesmo trimestre de 2016. O aumento da renda real média, apesar do crescimento da desocupação é explicada pela queda da inflação.

# Cenário Nacional

## Emprego com carteira assinada

O CAGED registrou a criação de 34.253 vagas com carteira assinada em maio no Brasil, proporcionando um aumento de 0,09% no estoque de empregados com vínculo formal. Trata-se do terceiro balanço positivo do emprego desta categoria no país em 2017. Em maio de 2016, foram fechados 72.615 postos de trabalho com carteira. O melhor desempenho do mês ficou a cargo da Agropecuária, que abriu 46.049 vagas, puxadas pelas contratações nas lavouras de café, laranja e cana-de-açúcar, no sudeste. O conjunto da indústria perdeu 3.485 vagas. Neste setor, apenas a Transformação apresentou saldo positivo (1.433 vagas) no mês, enquanto a Construção liderou o volume de cortes (-4.021); a Extração mineral cortou 510 vagas e os Serviços Industriais de Utilidade Pública 387.

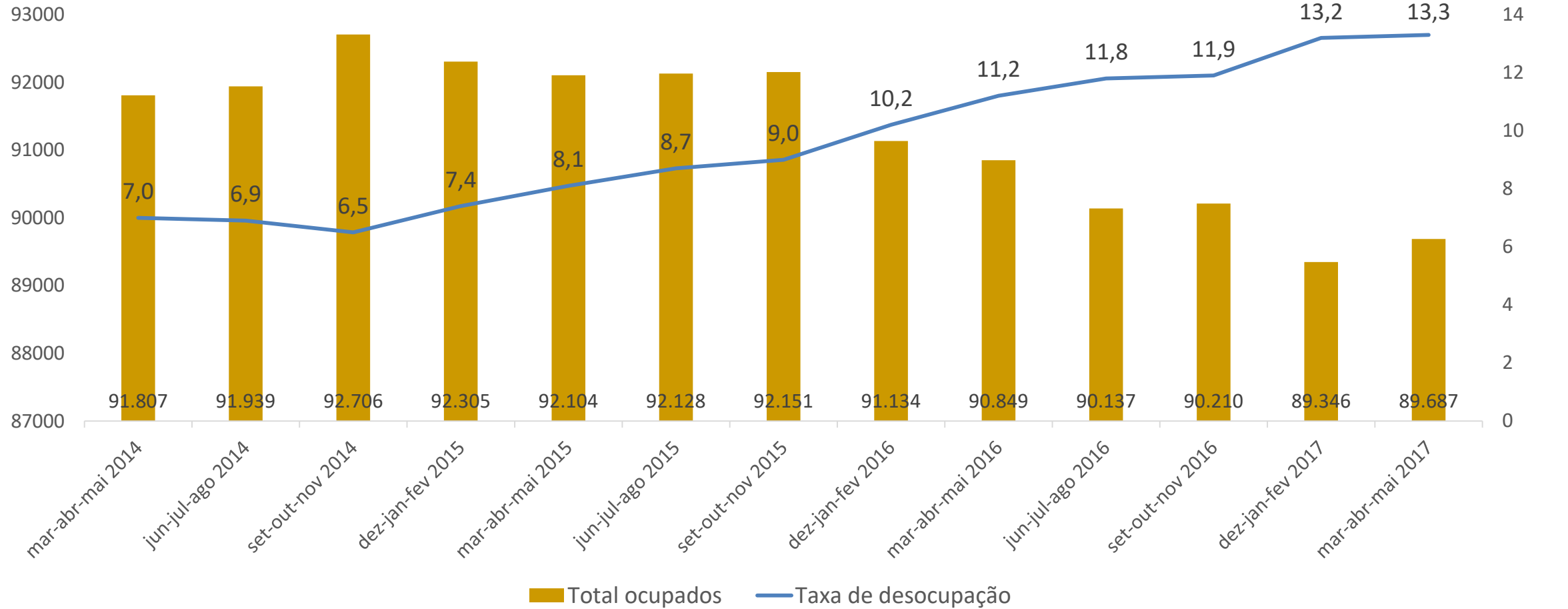
No mês de maio, 13 Unidades da Federação apresentaram balanço positivo do emprego com carteira, com destaques para Minas Gerais (+22.931 vagas) e São Paulo (+17.226). As maiores retrações foram assinaladas pelo Rio Grande do Sul (-12.360 vagas) e o Rio de Janeiro (-5.583 vagas).

No período janeiro-maio, o balanço do emprego com carteira no país foi positivo em 48.543 vagas, ao passo que nos últimos doze meses foram eliminadas 853.665.

# Brasil

Evolução do número de ocupados e da taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade  
Mar-abr-mai de 2014 a Mar-abr-mai de 2017

Em 1.000



**Total de desocupados → 13,771 milhões**

# Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira Jan-fev-mar 2017

## Brasil

Indicador	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	Mar-abr- maio/ 2016	Dez-jan- fev/2017	Mar-abr-maio/ 2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior
Taxa de desocupação (em %)	11,2	13,2	13,3	0,1 pp	2,1 pp
No de pessoas desocupadas (em 1.000)	11.440	13.547	13.771	1,7%	20,4%
Nº de pessoas ocupadas (em 1.000)	90.849	89.346	89.687	0,4%	-1,3%
Nº de pessoas ocupadas na Indústria Geral (em 1.000)	11.752	11.317	11.661	3,0%	-0,8%
Nº de pessoas ocupadas na Construção (em 1.000)	7.467	6.944	6.674	-3,9%	-10,6%
Nº de pessoas ocupadas na Agropecuária (em 1.000)	9.359	8.817	8.675	-1,6%	-7,3%
Nº de pessoas ocupadas no Comércio e Serviços (em 1.000)	62.264	62.259	62.658	0,6%	0,6%
Rendimento médio real habitual (em R\$)	2.062	2.102	2.109	0,3%	2,3%

→ +224 mil e +2,331 milhões

+341 mil e -1,162 milhão

↓  
Ind. Total  
+74 mil e 344 mil Geral

→ +399 mil e +394 mil

# Inflação - Junho

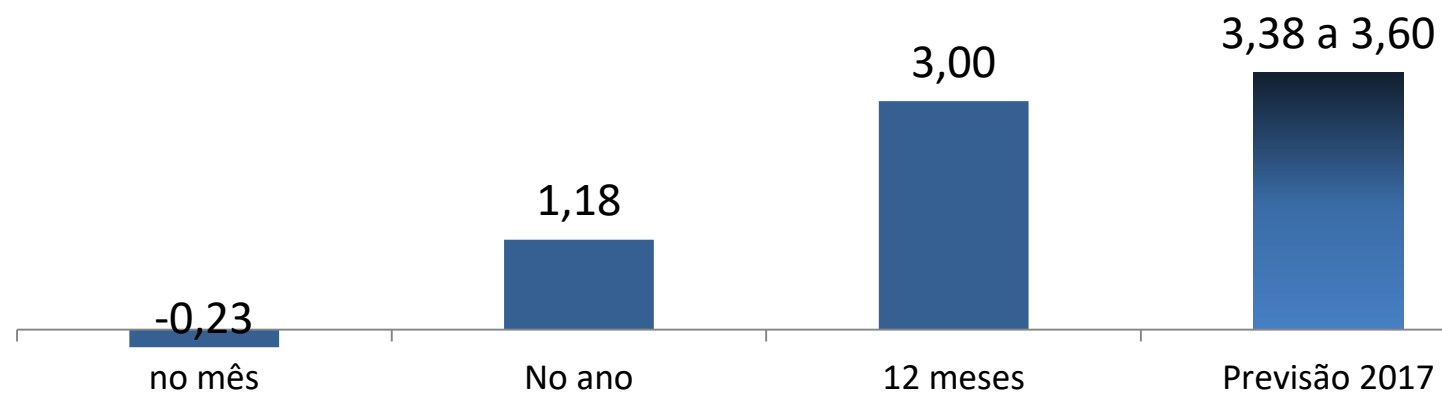
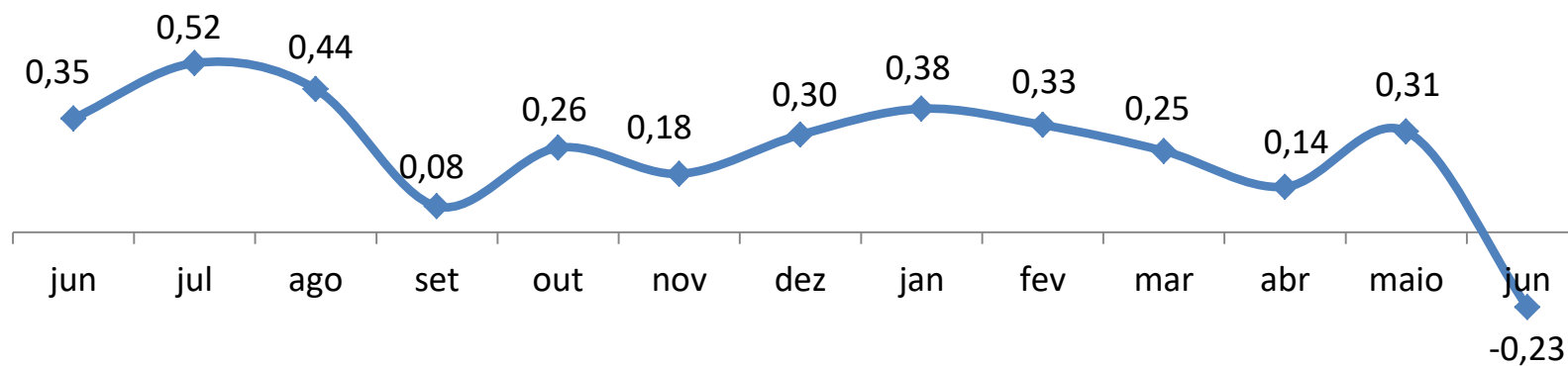
O IPCA registrou deflação em junho correspondente a variação de -0,23% no nível de preços, após crescer 0,32% em maio. De acordo com o IBGE, responsável pelo cálculo do índice, o IPCA nunca foi tão baixo desde agosto de 1998, quando a taxa atingiu -0,51%. No primeiro semestre de 2017, o índice acumulou variação de 1,18%; e nos últimos 12 meses até junho, avançou 3,0%, portanto, abaixo do centro da meta anual, de 4,5%. A redução nas tarifas de energia elétrica, nos preços dos combustíveis e em alimentos para comer em casa (feijão, frutas, tomate, bata-inglesa) exerceram as maiores contribuições para a queda do IPCA de junho.

As previsões para a inflação em 2017 já se encontram abaixo dos 4%. De acordo com o Boletim FOCUS de 7 de julho, publicado pelo Banco Central do Brasil, o IPCA deve encerrar o ano entre em 3,38% (mediana Top 5 - previsões de maior acerto) e 3,60% (mediana – agregado), (BCB, FOCUS – Relatório de Mercado).

Para o mês de julho, segundo a mesma fonte e respectiva data (medianas Top 5 e Agregado), a inflação esperada para o mês de julho variava entre 0,11% e 0,15% no FOCUS de 21 de julho, que, provavelmente, não considera ainda o impacto decorrente do aumento do PIS/Cofins sobre os combustíveis na mesma data.

O cenário de recuperação gradual da economia e rápida desinflação levou o COPOM (Comitê de Política Monetária do Banco Central) a decidir por mais um corte na taxa SELIC na reunião do dia 26 de julho, de 10,25% para 9,25% ao ano.

## Trajetória mensal do IPCA em 12 meses 2015 a 2016 (Em %) - Junho



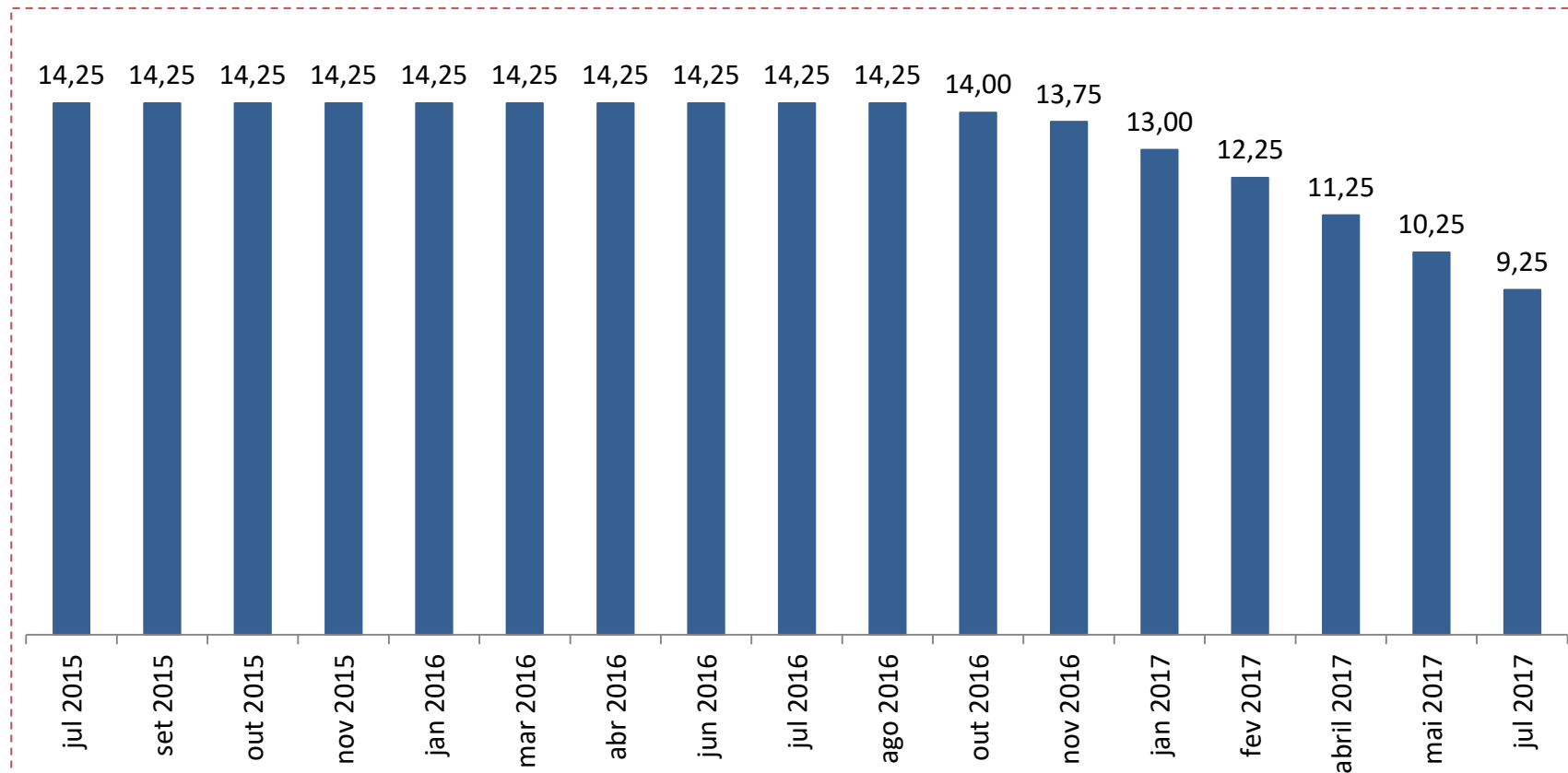
Fonte: Banco Central e IBGE. Elaboração: FIERN.

NOTA: \* Estimativas Focus, Mediana - Top 5 e Mediana - Agregado (23/06/2017).

# Trajetória da SELIC

## julho de 2015 a maio de 2017 (Em %)

→ A SELIC diminuiu 4,0 pontos percentuais entre agosto de 2016 e julho de 2017

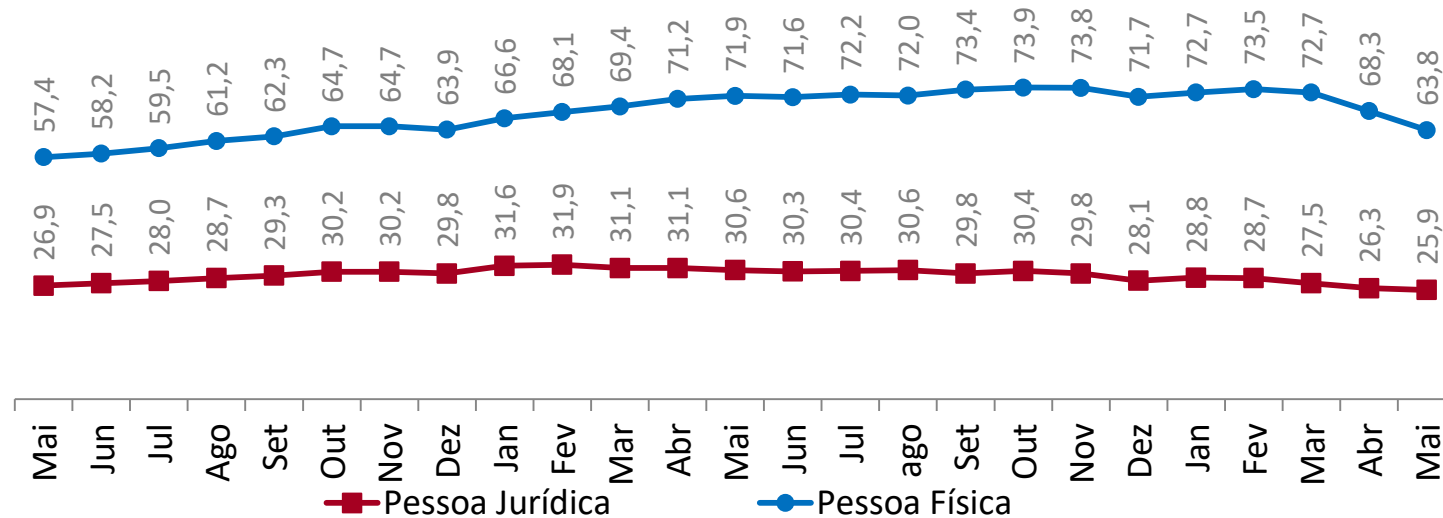


# Brasil - Evolução das taxas médias de juros: Maio 2015 – Maio 2017

## Recursos Livres

Pessoa Jurídica e Pessoa Física

Em % ao ano



Spreads em maio de 2017

**Pessoa Física = 53,5 pp**

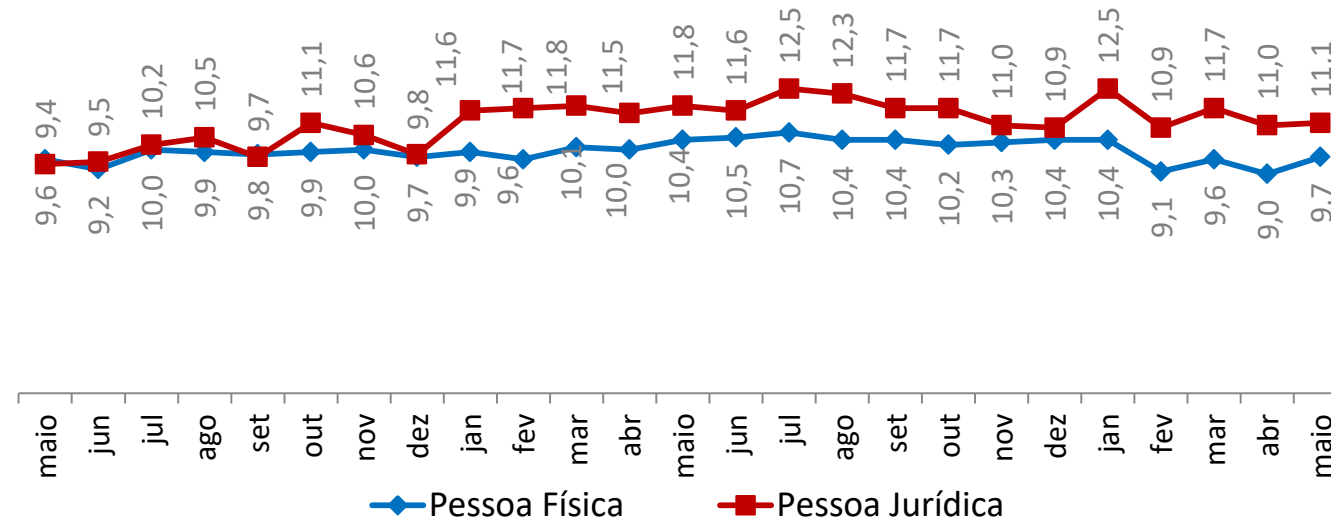
**Pessoa Jurídica = 16,5 pp**

# Brasil - Evolução das taxas médias de juros: Maio 2015 – Maio de 2017

## Recursos Direcionados

Pessoa Jurídica e Pessoa Física

Em % ao ano



Spreads em maio de 2017

**Pessoa Jurídica = 4,8 pp**

**Pessoa Física = 3,9 pp**

# Indicadores Econômicos

## Previsões para 2017

Indicador	CNI (07/2017)	Focus (07/07/2017)	4E Consultoria (07/2017)
PIB (variação anual) (%)	0,30	0,34	-0,1
Produção Industrial (variação anual) (%)	0,50*	0,84	
IPCA (variação anual) (%)	3,60	3,38	3,60
Taxa de câmbio (R\$/US\$)(fim de ano)	3,30	3,35	3,52
Taxa nominal de juros (SELIC) (fim do ano) (%)	8,50	8,25	7,50
Saldo Comercial (US\$ bilhões)	58,00	59,50	
Saldo em Conta Corrente (US\$ bilhões) (fim de ano)	-23,0	-21,65	

\*PIB industrial







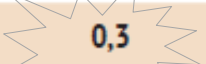
Fonte: Banco Central: FOCUS, Mediana Agregado, 7 de julho de 2017;

CNI: Informativo CNI Abril/Junho 2017.

4E Consultoria: Radar, julho de 2017

Elaboração: FIERN

# CNI - Estimativas do PIB para 2017

	COMPONENTES DO PIB	Varição percentual (%)
Ótica da demanda	Consumo das famílias	0,1
	Consumo do governo	1,0
	Formação bruta de capital fixo	-2,7 
	Exportações	7,0 
	(-) Importações	3,0
Ótica da oferta	Agropecuária	9,0 
	Indústria	0,5
	Extrativa	8,0 
	Transformação	0,9
	Construção	-2,3 
	Serviços ind. de utilidade pública	1,9
	Serviços	-0,4 
<b>PIB</b>	<b>0,3</b> 	

Elaboração e projeção: CNI

**Rio Grande do Norte**

# Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

## Destaques – Síntese Rio Grande do Norte

A economia potiguar continuou reagindo à crise no mês de maio, mas ainda em ritmo lento, irregular e desigual entre os setores, como de resto vem acontecendo com a economia nacional. O indicador de confiança do empresário industrial potiguar traduz a tímida consistência da recuperação da indústria. O ICEI (Índice de Confiança do Empresário Industrial) potiguar cresceu em junho pelo segundo mês consecutivo, ultrapassando a barreira de 50 pontos, que separa confiança de falta de confiança. No entanto, ainda são as expectativas em relação aos próximos seis meses que têm influenciado o ICEI positivamente, visto que os empresários ainda consideram as condições atuais do país, do estado e da própria empresa desfavoráveis. Além disso, o otimismo retratado pelo ICEI está restrito às médias e grandes indústrias (com mais de 50 empregados) dos agrupamentos Extrativo e de Transformação, uma vez que o pessimismo prevalece nas indústrias de pequeno porte e na Construção. Após o refluxo de alguns indicadores de desempenho em abril, como intensificação no corte de vagas com carteira, declínio na receita real de serviços e queda no indicador de nível de produção industrial, resultados positivos voltaram a predominar em maio, conforme destacado a seguir. Destaque-se, no entanto, que a variação estimada para o PIB potiguar pela 4E Consultoria no balanço do trimestre móvel terminado em abril ante o finalizado em janeiro foi positivo, ou seja, situou-se entre zero e 1%, a despeito do retrocesso de abril, isoladamente.

- O indicador de nível de produção da Sondagem das Indústrias Extrativas e de Transformação, da FIERN/CNI, apresentou crescimento em maio (acima de 50 pontos) em relação a abril e ante igual mês do ano anterior, tanto entre as pequenas (com menos de 50 empregados) quanto entre as médias e grandes. Trata-se da segunda variação positiva do ano (a primeira ocorreu em março).
- O consumo industrial de energia elétrica apresentou crescimento em maio, ante igual mês de 2016, tanto no conjunto das atividades econômicas como na indústria. Neste setor, a manufatura de cimento, provavelmente destinado ao segmento de estruturas para torres de geração eólica, foi quem puxou o resultado. O balanço janeiro-maio ainda é negativo, embora a taxa de recuo (-1,7%) tenha sido a metade da registrada no mesmo período do ano

## Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

anterior (-3,4%). Além da Fabricação de produtos de minerais não-metálicos, outros três segmentos reverteram as retrações verificadas no período janeiro-maio de 2016, a saber, Têxteis, Alimentos e Bebidas e Outras indústrias; dois segmentos moderaram as contrações, considerando as mesmas bases de comparação: Vestuário e Construção.

- O saldo de vagas com carteira assinada, embora negativo, registrou moderação em maio em comparação com o mês anterior, tanto no conjunto da economia, como na indústria, após acentuar contração em abril.
- As importações de insumos e matérias-primas destinadas à indústria continuaram em crescimento no balanço janeiro-maio, com destaque para o trigo, algodão e derivados, plásticos, castanhas de caju e máquinas e equipamentos elétricos.
- Dentre todas as atividades, os Serviços é que, de fato, vêm mostrando a recuperação mais rápida e consistente. O setor começou a reduzir a intensidade das taxas negativas em setembro de 2016 e entre janeiro e maio de 2017, já assinalou três variações positivas na receita real (volume de serviços) na base mensal anualizada. Até maio, o setor cresceu 2,1% em termos reais. Porém, o balanço dos 12 meses terminados em maio ainda é negativo (-2,2%), mas em proporção inferior ao do mesmo período do ano anterior (-4,8%). É importante registrar que, em contraposição ao Rio Grande do Norte, na média do conjunto do país, os Serviços ainda apresentam comportamento indefinido, uma vez que apenas em maio o setor apresentou a primeira moderação no recuo da receita real em comparação ao mesmo mês do ano anterior.

Por outro lado, outros indicadores continuam em processo de redução de perdas ou ainda atenuando as taxas de retração. Este seria o caso do Varejo e da Indústria da Construção.

- O varejo potiguar, apesar de caminhar em trajetória de redução de perdas, apenas em maio apresentou o primeiro crescimento na receita real de vendas (0,6%) ante igual período de 2016, após 25 retrações consecutivas. Por sua vez, no varejo ampliado (que inclui veículos e motos, partes e peças e material de construção) a reação é ainda mais lenta e sem taxas positivas em 2017. Ao contrário dos Serviços, a reação do comércio potiguar vem ocorrendo

## Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

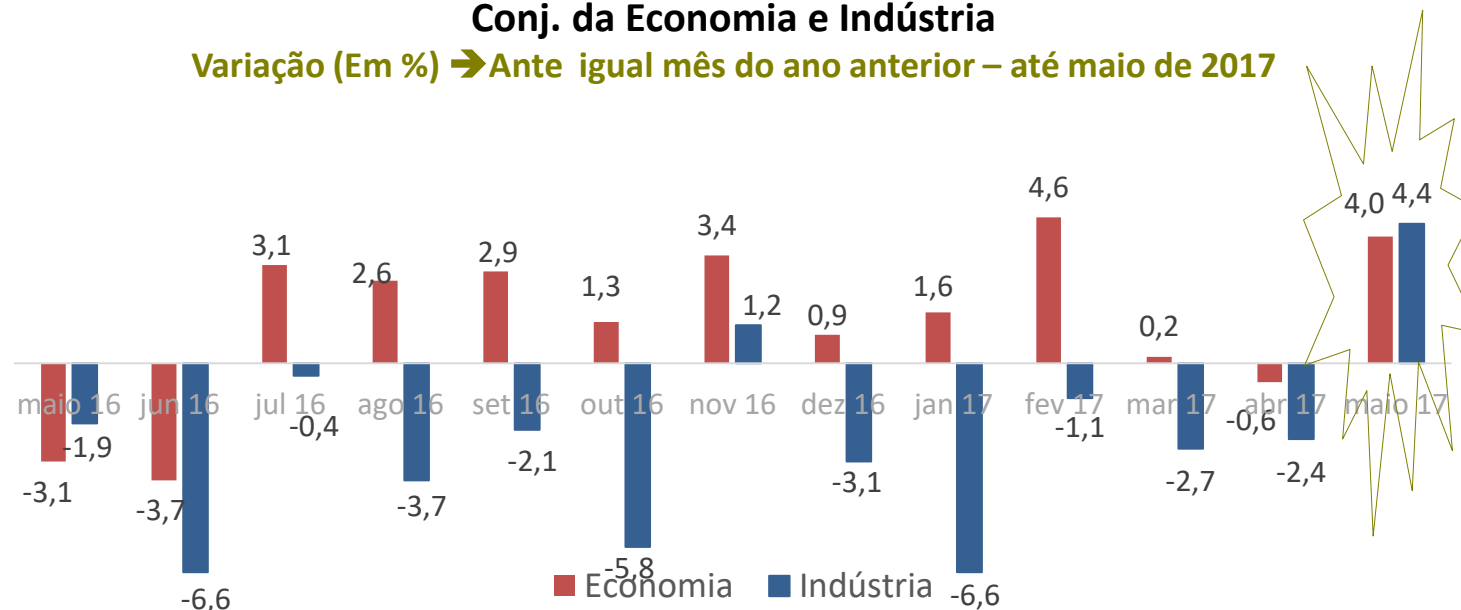
abaixo da média nacional, nas duas modalidades.

- A Construção continua em situação crítica. O indicador de nível de atividade da Sondagem Indústria da Construção assinala ausência de crescimento há 44 meses. Nos últimos meses o setor apenas vem intercalando taxas mais e menos negativas. Em maio, o indicador de nível de atividade atingiu 48,8 pontos, o maior nível desde janeiro de 2014, mas não há perspectivas de recuperação no curto prazo, considerando as restrições de financiamento ao setor, as elevadas taxas de juros, os distratos em níveis elevados nas compras de imóveis, os cortes em obras do PAC e a retração dos investimentos no setor produtivo. Isto explica por que, apesar da queda no nível de atividade da Construção ter perdido força no último mês, as perspectivas dos empresários do setor em relação aos próximos seis meses estavam mais negativas em junho.
- O desemprego é a síntese da recessão econômica. No primeiro trimestre, a taxa estadual de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade atingiu 16,3%. A desocupação atingiu 250 mil pessoas no período, conforme mostrado nos Indicadores Econômicos Conjunturais da FIERN, referente a maio. A situação do desemprego deve continuar crítica em todo o país enquanto persistirem os elevados níveis de ociosidade na economia. A retomada dos investimentos é fundamental para romper este círculo vicioso. No entanto, as incertezas políticas decorrentes dos últimos episódios envolvendo o poder executivo podem atrasar ainda mais o processo de recuperação econômica.

## Consumo de Energia – Rio Grande do Norte

### Conj. da Economia e Indústria

Varição (Em %) → Ante igual mês do ano anterior – até maio de 2017



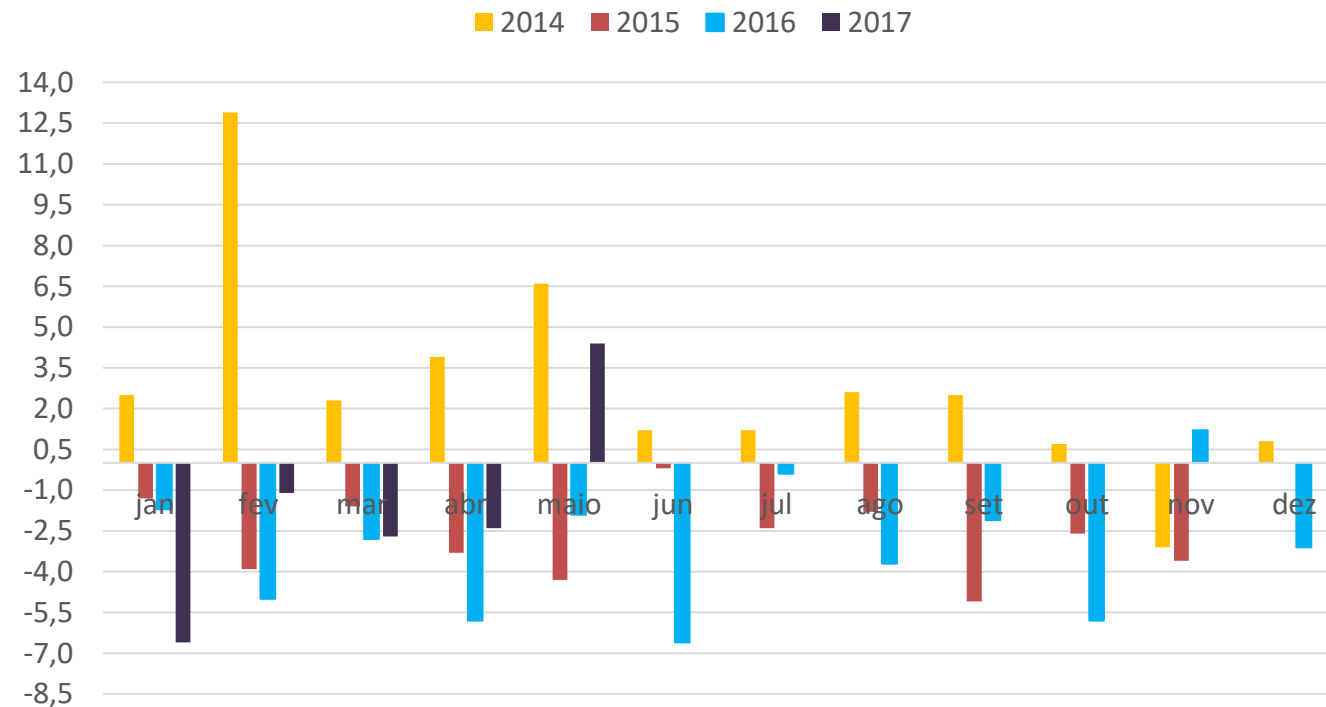
### Consumo de energia elétrica na economia volta a cair em abril

✓ O consumo de energia elétrica pelo conjunto da economia do Rio Grande do Norte cresceu 4,0% em maio em comparação a igual período de 2016. O resultado foi puxado pelo Comércio/serviços (4,8%) e pela Indústria (4,4%), enquanto o consumo na Agropecuária recuou (-0,4%).

✓ Na Indústria, especificamente, o consumo de energia cresceu após cinco meses seguidos em queda. Nessa base de comparação, dois segmentos apresentaram crescimento: Fabricação de produtos minerais não-metálicos (cimento e derivados) (61,3%) e Têxteis (1,9%)

✓ (Detalhes da Indústria no slide seguinte).

## RN - Variação no consumo industrial de energia elétrica Rel. mês / mês do ano anterior - 2014 – 2017 (Em %)

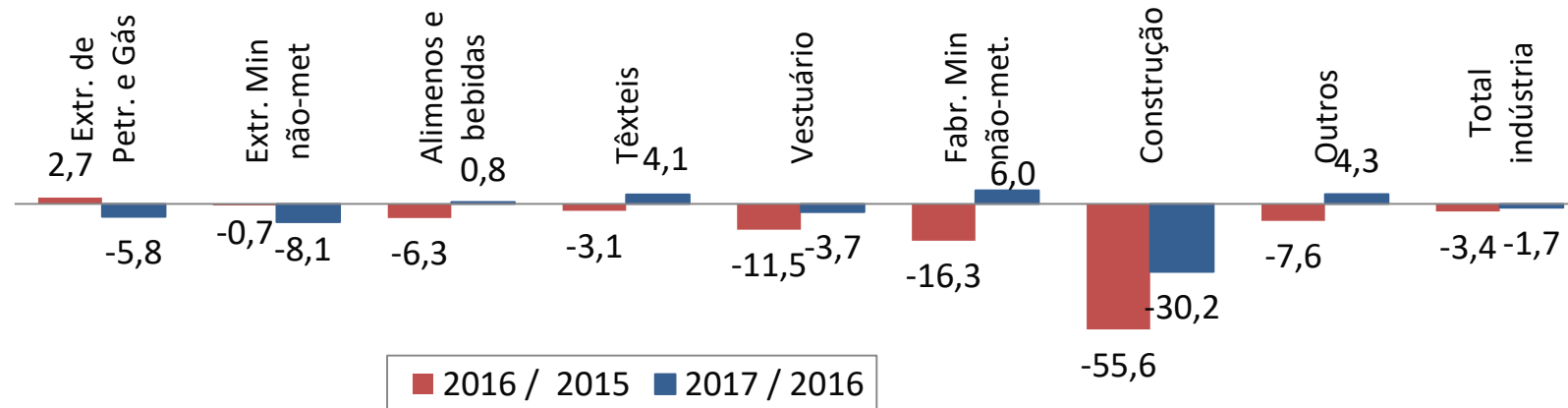


Fonte: Cosern. Elaboração, FIERN

A série histórica do consumo de energia elétrica pelo conjunto da Indústria no Rio Grande do Norte na base de referência mês/igual mês do ano anterior, de janeiro de 2014 a maio de 2017, mostrada no gráfico acima, aponta contração no setor desde janeiro de 2015, e mais intensa em 2016, com uma interrupção pontual na queda em novembro deste ano. Em 2017, após moderações nos recuos de fevereiro e abril, o consumo cresceu em maio (4,4%), com a contribuição principal do segmento de fabricação de produtos minerais não-metálicos, como cimento e derivados.

# Consumo Industrial de Energia Elétrica

Varição (Em%) jan-maio 2017 / 2016 e jan-maio 2016 / 2015



Fonte: Cosern. Elaboração: FIERN

- ✓ No acumulado janeiro-maio de 2017, o consumo de energia pela indústria potiguar continuou caindo com menor força relativamente ao mesmo período de 2016 (-1,7%), ante a mesma base de 2016/2015 (-3,4%). A maior influência para a moderação do recuo no período veio do segmento de Fabricação de produtos minerais não-metálicos, que aumentou 6,0% no mês de maio de 2017 ante retração de 16,3% na mesma base de 2016/2015.
- ✓ O gráfico acima mostra que, no período janeiro-maio de 2016, sete dos oito ramos industriais com detalhamento disponível apresentaram contração no consumo de energia. Todavia, no balanço janeiro-maio de 2017, quatro reverteram as quedas: Fabricação de produtos minerais não-metálicos (6,0% ante -16,3% na base 2016/2015), Têxteis (4,1% e -3,1%), Alimentos e Bebidas (0,8% e -6,3%) e Outras indústrias (4,3% e -7,6%).
- ✓ Dois segmentos amortizaram a queda do consumo nos períodos janeiro-maio de 2017/2016, ante iguais bases dos correspondentes anos anteriores: Construção (-30,2% e -55,6%); Vestuário (-3,7% e -11,5%).
- ✓ Dois segmentos continuam com performance pior do que na base janeiro-maio de 2016. O ramo de Extração de petróleo e gás saiu de crescimento na base anterior para contração na base atual (2,7% ante -5,8%), em virtude da redução da atividade da Petrobras no estado, enquanto Extração de produtos minerais não-metálicos caiu com mais força em (-0,7% e -8,1%).

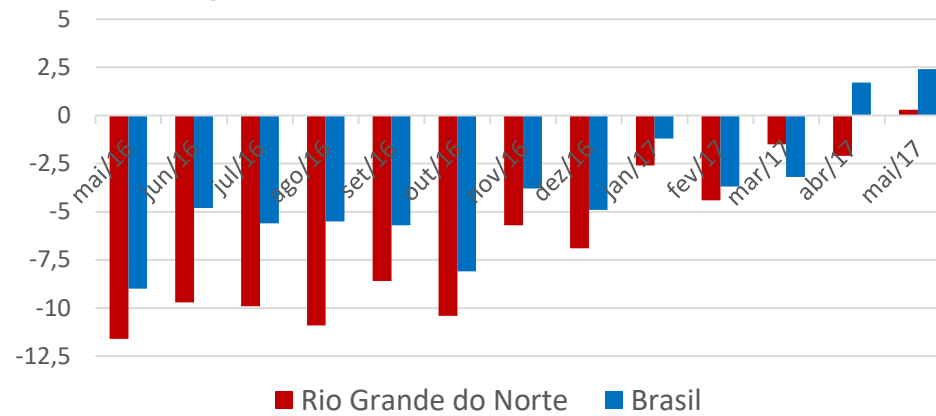
## Pesquisa Mensal de Comércio – PMC

	Maio 2017 / Maio 2016		Janeiro-maio 2017 / Janeiro-maio 2016		Acumulado nos últimos 12 meses até maio	
	BR	RN	BR	RN	BR	RN
<b>VOLUME DE VENDAS</b>						
- Varejo Restrito	2,4%	0,3%	-0,8%	-2,0%	-3,6%	-6,2%
-Varejo Ampliado *	4,5%	-1,1%	-0,6%	-5,1%	-5,2%	-7,7%

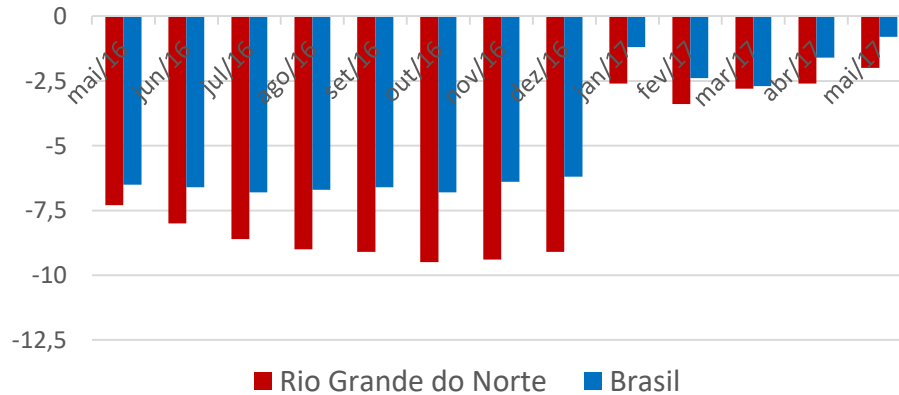
- ✓ A atividade do comércio – potiguar e consolidado nacional - manteve a tendência de “diminuição de perdas” nas vendas reais, iniciada em novembro de 2016. O varejo restrito sinaliza reação mais consistente do que o ampliado (que inclui veículos, motos e partes e peças e material de construção). Em ambas as modalidades, o comércio do conjunto do país vem reagindo melhor do que o do estado. (Detalhes nos gráficos correspondentes).
- ✓ No varejo restrito, as vendas potiguares interromperam a série de 25 taxas de retração consecutivas (desde abril de 2015) e apresentaram crescimento em maio ante igual mês de 2016 (0,3%), enquanto o varejo nacional já apresenta crescimento há dois meses seguidos na mesma base (1,7% em abril e 2,4% em maio), após 23 meses em contração. Isto fez com que, no acumulado janeiro-maio, e nos últimos 12 meses até maio, ante iguais períodos do ano anterior, o varejo estadual apresentasse maior declínio do que a média nacional, ou seja, -2,0% e -0,8% e -6,2% e -3,6%.
- ✓ No varejo ampliado, o estado manteve retração nas vendas reais em maio (-1,1%), ante igual mês de 2016, e pelo 23º mês seguido nesta base (desde julho de 2015), enquanto o conjunto do país apresentou o primeiro crescimento (4,5%) após 35 meses ininterruptos com variação negativa (desde julho de 2014). No acumulado até maio, o volume de vendas do Rio Grande do Norte declinou 5,1% ante igual período de 2016, para um recuo médio nacional de 0,6%. Nos últimos 12 meses terminados em maio, as vendas reais acusaram variações negativas de -7,7% e -5,2%, na mesma ordem.

# Pesquisa Mensal de Comércio – Volume de Vendas – Varejo (restrito)

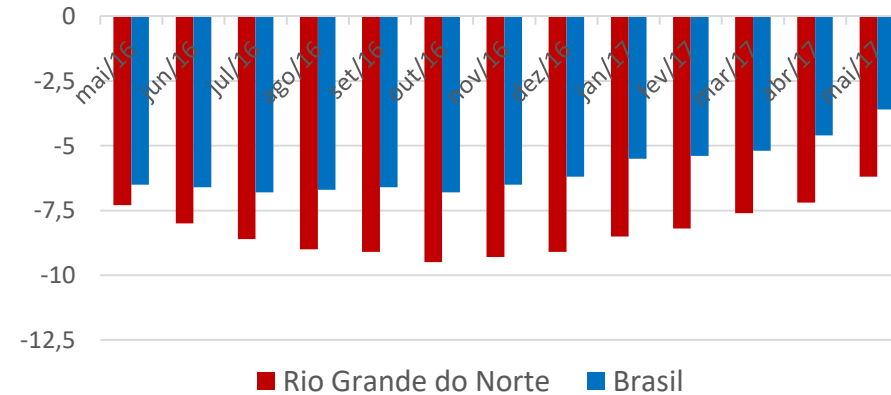
Variação do Volume de Vendas no Varejo - BR e RN  
Igual mês do ano anterior até maio – 2016 a 2017



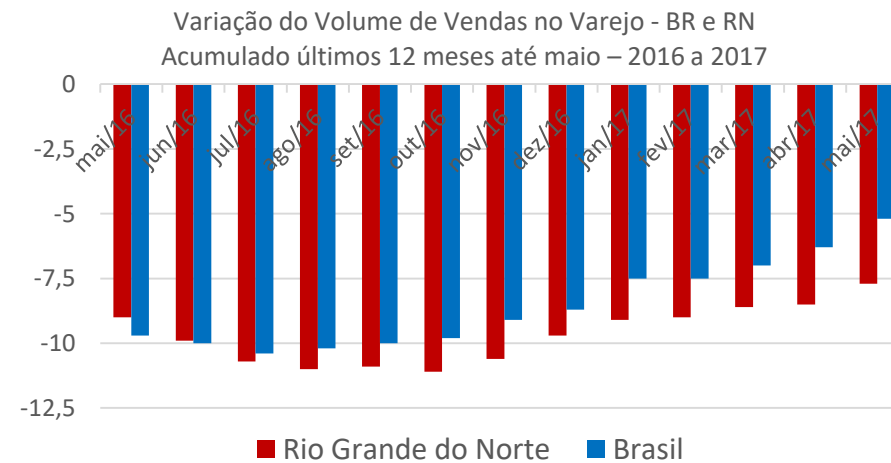
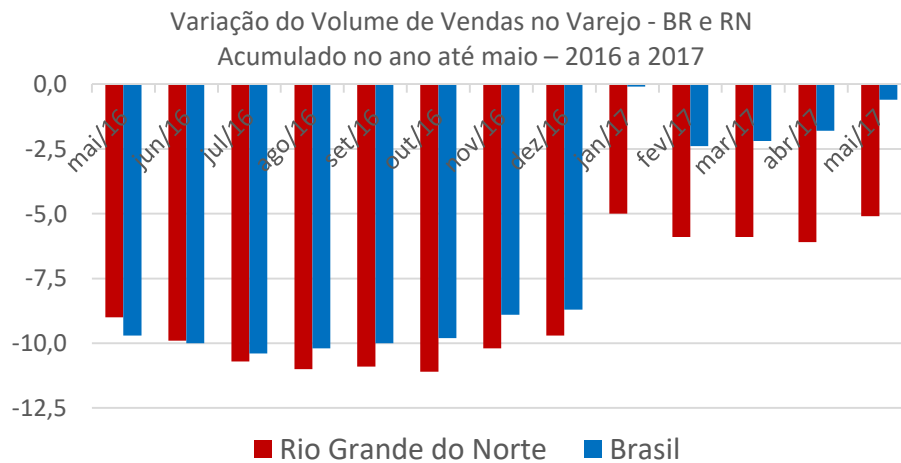
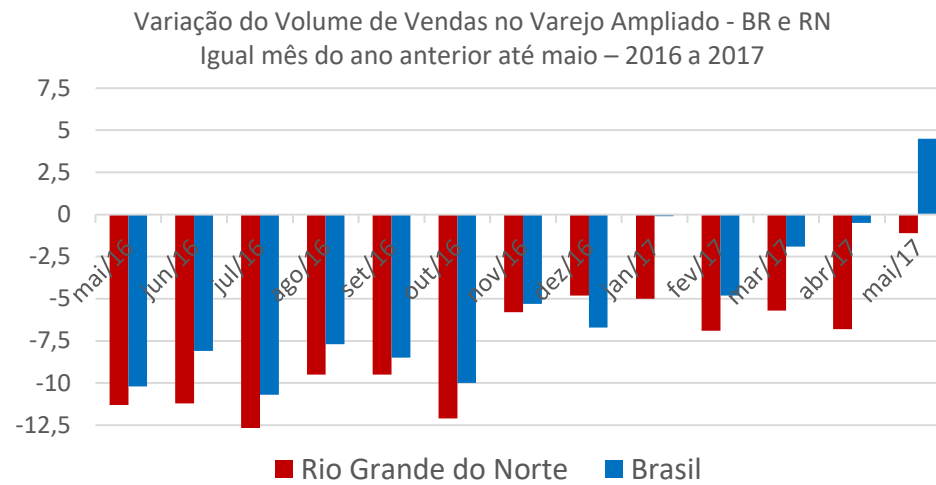
Variação do Volume de Vendas no Varejo - BR e RN  
Acumulado no ano até maio – 2016 a 2017



Variação do Volume de Vendas no Varejo - BR e RN  
Acumulado últimos 12 meses até maio – 2016 a 2017



# Pesquisa Mensal de Comércio – Volume de Vendas – Varejo Ampliado\*



Fonte: IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio

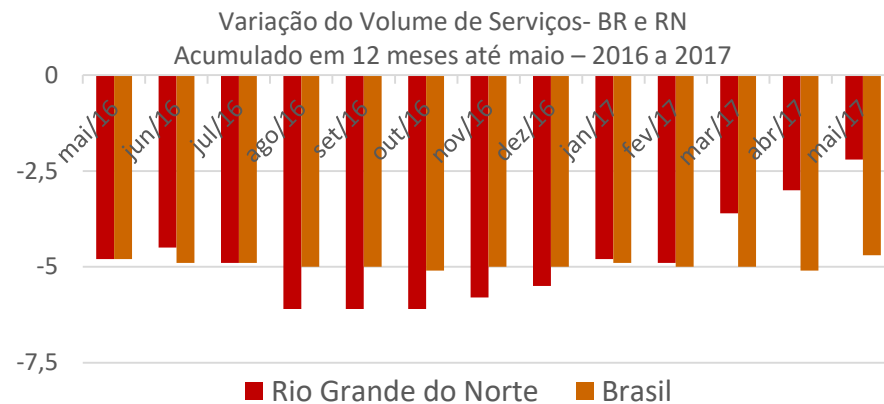
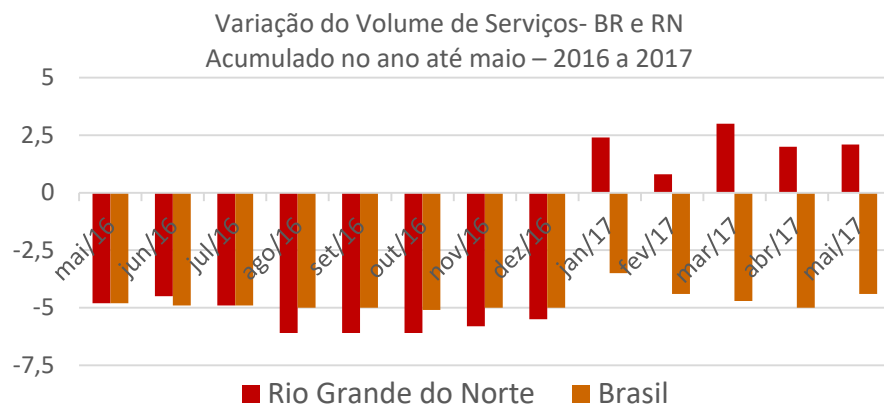
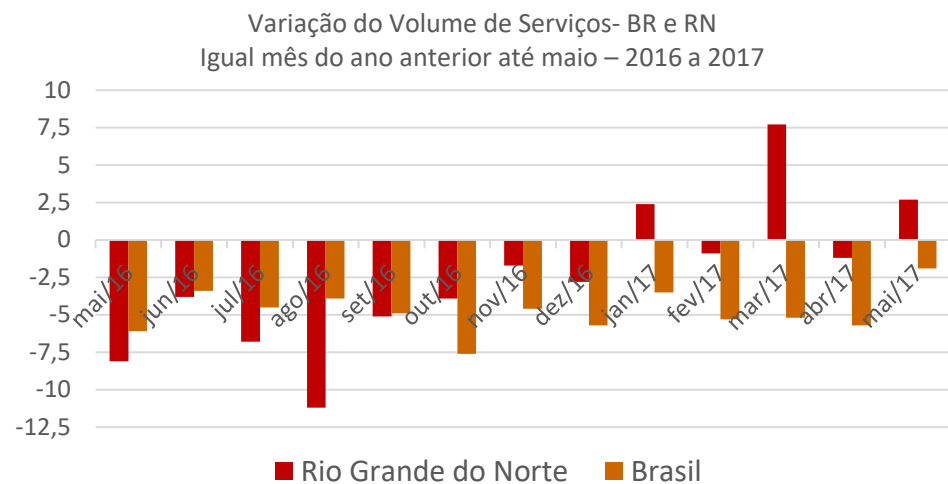
\* Inclui o varejo restrito mais veículos, motos, partes e peças e material de construção

## Pesquisa Mensal de Serviços – PMS

	Maio 2017/ maio 2016		Janeiro-maio 2016 / Janeiro-maio 2015		Acumulado nos últimos 12 meses até maio	
	BR	RN	BR	RN	BR	RN
<b>VOLUME DE SERVIÇOS</b>	-1,9%	2,7%	-4,4%	2,1%	-4,7%	-2,2%

- ✓ A atividade de serviços no Rio Grande do Norte manteve, em maio, a tendência de recuperação iniciada em setembro de 2016 com crescimento de 2,7% na receita real (volume de serviços) em relação a maio de 2016. Registre-se que, em um período de 30 meses, entre julho de 2014 e novembro de 2016, a atividade cresceu apenas quatro vezes. Enquanto isso, o setor está em retração ininterrupta há 29 meses (desde janeiro de 2015) no conjunto do país, com a primeira perda de intensidade da queda apenas em maio último (-1,9%). (Detalhes no gráfico correspondente).
- ✓ No acumulado janeiro-maio de 2017, a receita real de serviços potiguar cresceu 2,1% e já apresenta cinco avanços seguidos neste tipo de comparação. Em contrapartida, o setor nacional acumula queda de 4,4%. Nesta base de comparação, os serviços do conjunto do país estão em declínio há 29 meses.
- ✓ O balanço da receita real potiguar acumulada nos últimos 12 meses até maio resultou menos negativa do que a média nacional (-3,7% contra -5,0%) ante igual período do ano anterior.

## Pesquisa Mensal de Serviços – Volume de Serviços

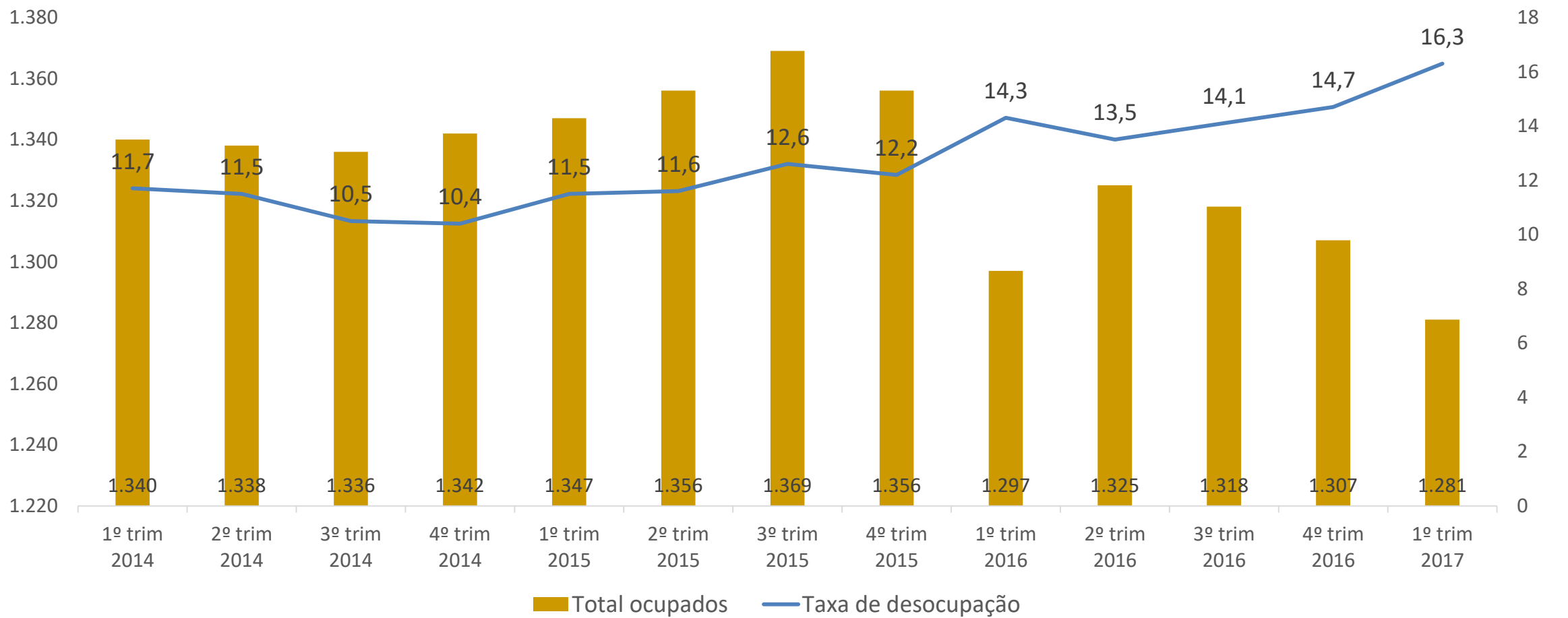


## Rio Grande do Norte

Evolução do número de ocupados e da taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade

**1º Trim de 2014 a 1º Trim de 2017**

Em 1.000



**Total de desocupados → 250 mil**

# Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira

## Período: Jan-fev-mar 2017

### Rio Grande do Norte

	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	Jan-fev-mar/2016	Out-nov-dez/2016	Jan-fev-mar/2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

#### Taxa de Desocupação

Rio Grande do Norte	14,3%	14,7%	16,3%	1,6 pp	2,0 pp
RM de Natal	14,1%	15,2%	16,0%	0,8 pp	1,9 pp
Natal	13,3%	15,4%	15,6%	0,2 pp	2,3 pp

#### Número de Desocupados (em 1.000)

Rio Grande do Norte	217	225	250	11,1%	15,2%
RM de Natal	103	117	122	4,3%	18,4%
Natal	58	70	69	-1,4%	19,0%

#### Número de Ocupados (em 1.000)

Rio Grande do Norte	1.297	1.307	1.281	-2,0%	-1,2%
RM de Natal	625	651	641	-1,5%	2,6%
Natal	378	385	373	-3,1%	-1,3%

#### Número de Ocupados na Indústria – Rio Grande do Norte (em 1.000)

Indústria Geral	120	130	130	0,0%	8,3%
Construção	120	108	104	-3,7%	-13,3%

+10 mil

# Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira

## Período: jan-fev-mar 2017

### Rio Grande do Norte

	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	Jan-fev-mar/2016	Out-nov-dez/2016	Jan-fev-mar/2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior
<b>Número de Ocupados – demais atividades – Rio Grande do Norte (em 1.000)</b>					
Agropecuária	95	108	103	-4,6%	8,4%
Comércio e Serviços	963	961	945	-1,7%	-1,9%
<b>Rendimento Médio Real Habitual (em R\$)</b>					
Rio Grande do Norte	1.515	1.638	1.653	0,9%	9,1%
RM de Natal	1.900	2.087	2.059	-1,4%	8,4%
Natal	2.081	2.428	2.371	-2,3%	13,9%

+8 mil

Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua. Tabela-resumo 1.1 (4, 5, 15,16, 27,); tabela-resumo 1.2 (10 e 11) ; tabela-resumo 1.3 (10 e 11); tabela-resumo 2.1 ( 17), tabela-resumo 2.2 ( 7) , tabelas-resumo 2.3 (11) e Sidra.

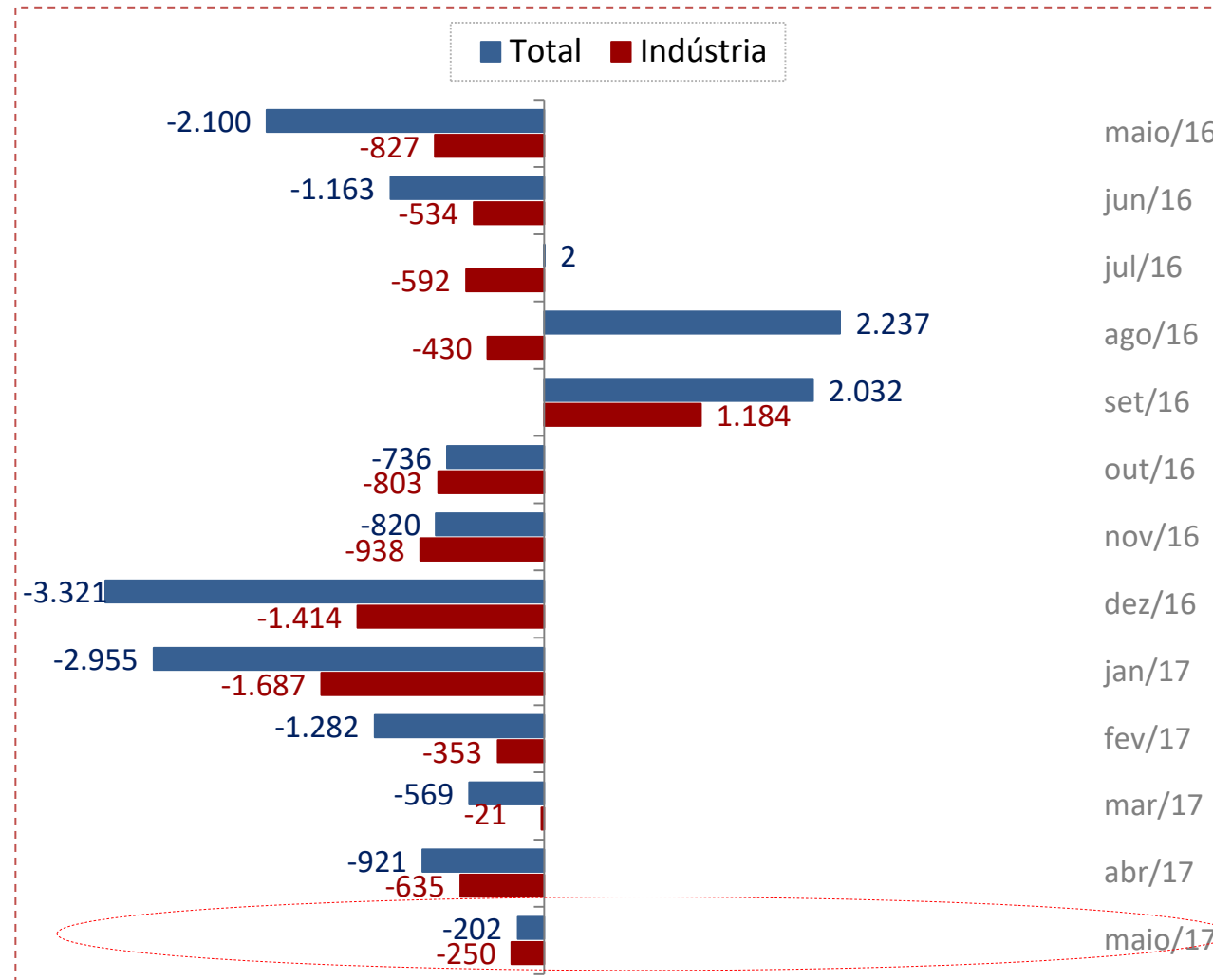
## RN - Emprego e Desemprego

O mercado de trabalho do Rio Grande do Norte registrou saldo negativo no emprego com carteira assinada em maio, pelo oitavo mês seguido, segundo dados do CAGED/MTE. Do balanço entre admissões e desligamentos, resultou um saldo negativo de 202 vagas no mês, fazendo o contingente de empregados recuar 0,05%.

É importante ressaltar que o volume total de vagas cortadas em maio foi inferior ao de abril (-921) e ao de maio de 2016 (-2.100 vagas). Dessa maneira, a tendência de suavização de cortes que vinha ocorrendo desde janeiro, e interrompida em abril, foi retomada, reforçando a hipótese de recuperação da economia. (Detalhe no gráfico no final da seção). Os cortes na indústria foram puxados pelo setor da construção (-238 vagas), embora a transformação (-26) e a extração mineral (-21) também tenham registrado saldos negativos. Em contrapartida, nos Serviços Industriais de Utilidade Pública – SIUPs, as admissões superaram os desligamentos, deixando um saldo positivo de 35 vagas.

- **Saldo total negativo no mês** → -202 (-0,05%)
- Serviços → +354 (+0,10%)
- Agropecuária → +5 (+0,04%)
- Comércio → -311 (-0,28%)
- Indústria → -250 (-0,25%)

# RN - Saldos do emprego com carteira assinada (admissões menos desligamentos) - 2016 - 2017



FONTE: MTE/CAGED, maio de 2017. Elaboração FIERN

## RN – Saldos de vagas com carteira assinada Destaques industriais - mês de maio 2017

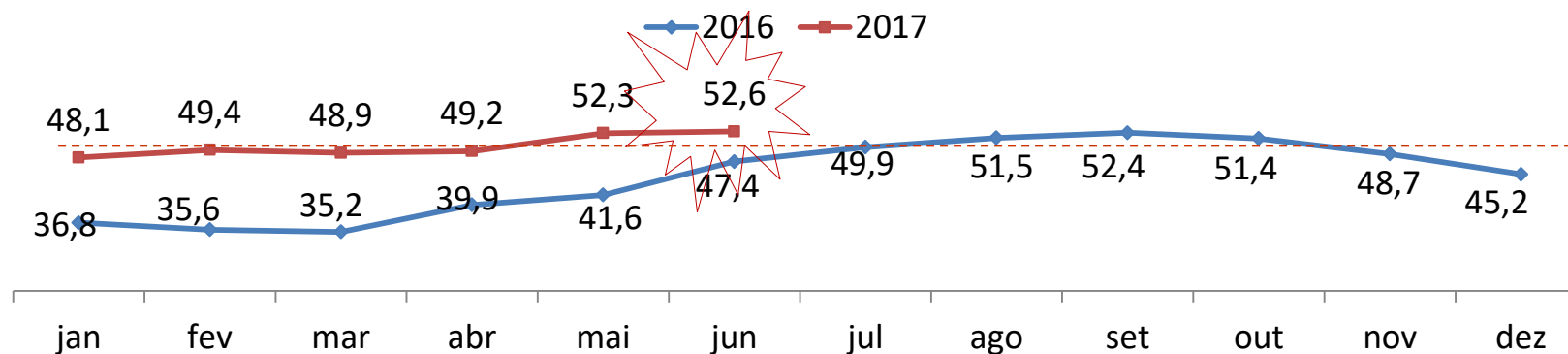
**Saldo industrial no mês → -250 vagas**

Principais Contribuições Positivas		Principais Contribuições Negativas	
Serviços Industriais de Utilidade Pública – SIUPs (+35)	Coleta de resíduos sólidos e Distribuição de água	Construção civil (-238)	Obras de engenharia civil e Construção de edifícios
Fabricação de produtos minerais não-metálicos (+17)	Estruturas pré-moldadas de cimento armado e Artefatos cerâmicos para construção civil	Cadeia de Têxteis e Confecção (-38)	Confecção de peças do vestuário
Químico, Farmacêutico e Veterinário (+13)	Álcool	Extração mineral (-21)	Extração de petróleo e gás e Extração e refino de sal marinho

FONTE: MTE/CAGED, maio de 2017. Elaboração FIERN



## RN - Índice de Confiança do Empresário Industrial ICEI\* - junho 2017



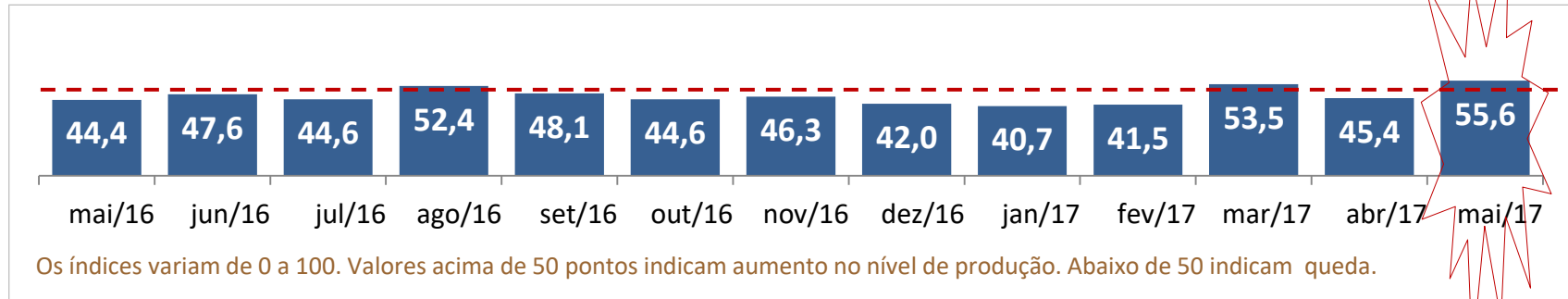
\* Os índices variam de 0 a 100 pontos. Valores acima de 50 indicam empresários confiantes. Abaixo de 50 indicam falta de confiança.

### Confiança do empresário industrial potiguar volta a subir pelo segundo mês seguido

- ✓ O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) do Rio Grande do Norte avançou de 52,3 para 52,6 pontos na passagem de maio para junho, mostrando que os empresários potiguares estão confiantes pelo segundo mês consecutivo. No entanto, o ICEI continua impulsionado pelas expectativas otimistas, principalmente das médias e grandes indústrias. Em contrapartida, o conjunto dos empresários consideraram piores as condições atuais da economia nacional, da potiguar e da própria empresa. Registre-se que, mais uma vez, a confiança aumentou no segmento de Indústrias Extrativas e de Transformação, enquanto que na Construção a falta de confiança aumentou. As indústrias de menor porte (com menos de 50 empregados) estão apenas menos pessimistas.
- ✓ Em matéria de confiança, o Rio Grande do Norte acompanhou a tendência nacional, com exceção da Indústria da Construção, em que os empresários do conjunto do país ainda estão confiantes, apesar do recuo no otimismo (o ICEI geral passou de 53,7 para 51,9 pontos).

## Evolução do Nível de Produção – Maio de 2017

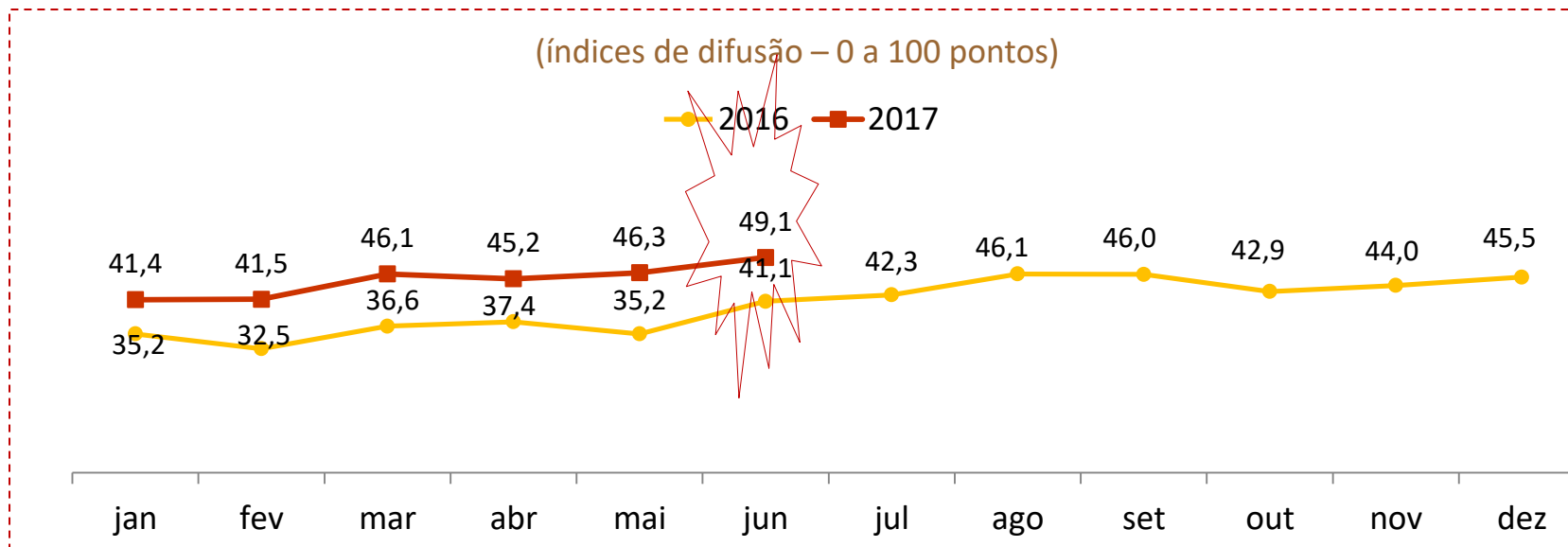
### RN - Sondagem Indústrias Extrativas e de Transformação



#### Atividade industrial volta a crescer em maio

- ✓ O nível de produção das indústrias extrativas e de transformação do Rio Grande do Norte registrou crescimento em maio na comparação com o mês anterior, tanto entre as pequenas, quanto entre as médias e grandes empresas. Comportamento semelhante já havia ocorrido em março quando o indicador ultrapassou a barreira dos 50 pontos (valores acima de 50 pontos indicam crescimento). Acompanhando o desempenho positivo da produção, o nível médio de utilização da capacidade instalada (UCI) passou de 67% para 68%. A trajetória de queda no número de empregados, iniciada em fevereiro de 2014, foi conservada, embora com menor força. É importante ressaltar que, apesar de a produção ter aumentado no mês, os estoques de produtos finais recuaram e ficaram abaixo do nível planejado pelo conjunto da indústria. Este comportamento sugere continuidade no aumento da demanda por produtos industriais nos próximos meses e, por conseguinte, mais elevação do nível de produção. Essa perspectiva é corroborada pelo indicador de expectativas.
- ✓ Com efeito, em junho, as expectativas da indústria potiguar estão otimistas com relação à demanda, à contratação de empregados, às compras de insumos e à quantidade exportada nos próximos seis meses. A intenção de investimento do conjunto da indústria voltou a subir e atingiu o maior valor apontado desde novembro de 2014.
- ✓ Os resultados consolidados da Sondagem para o conjunto do país convergem com os potiguares. No entanto, as expectativas dos empresários nacionais em relação aos próximos seis meses estão menos otimistas, sobretudo no que diz respeito ao número de empregados e à intenção de investimentos.

## Intenção de Investimento nas Indústrias Extrativas e de Transformação nos próximos seis meses - **Junho de 2017**

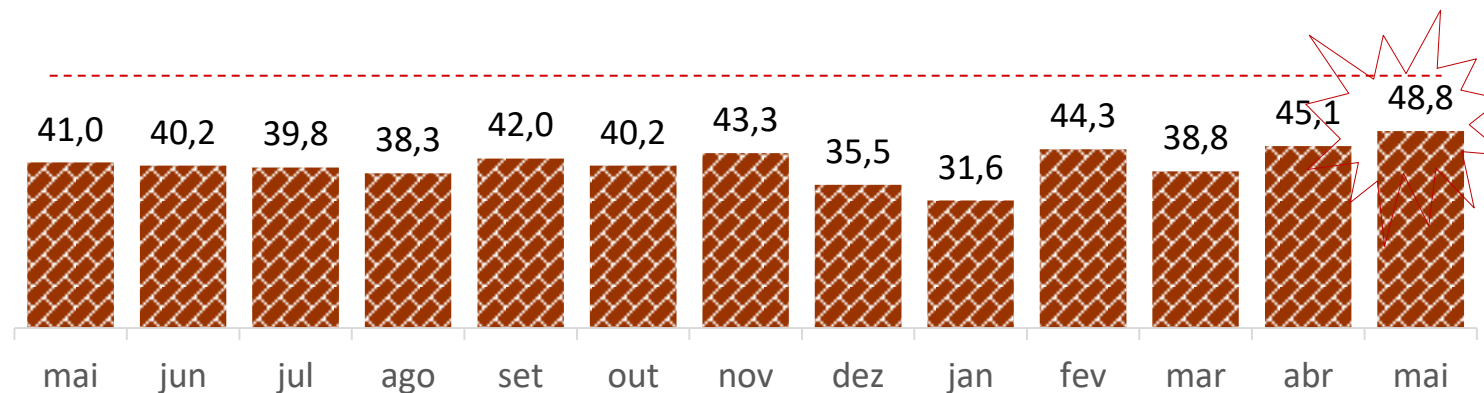


Fonte: FIERN/CNI – Sondagem Industrial - Unidade de Economia e Estatística

O índice varia de 0 a 100 pontos. Quanto maior o índice, maior a propensão da indústria a investir

## RN - Sondagem Indústria da Construção

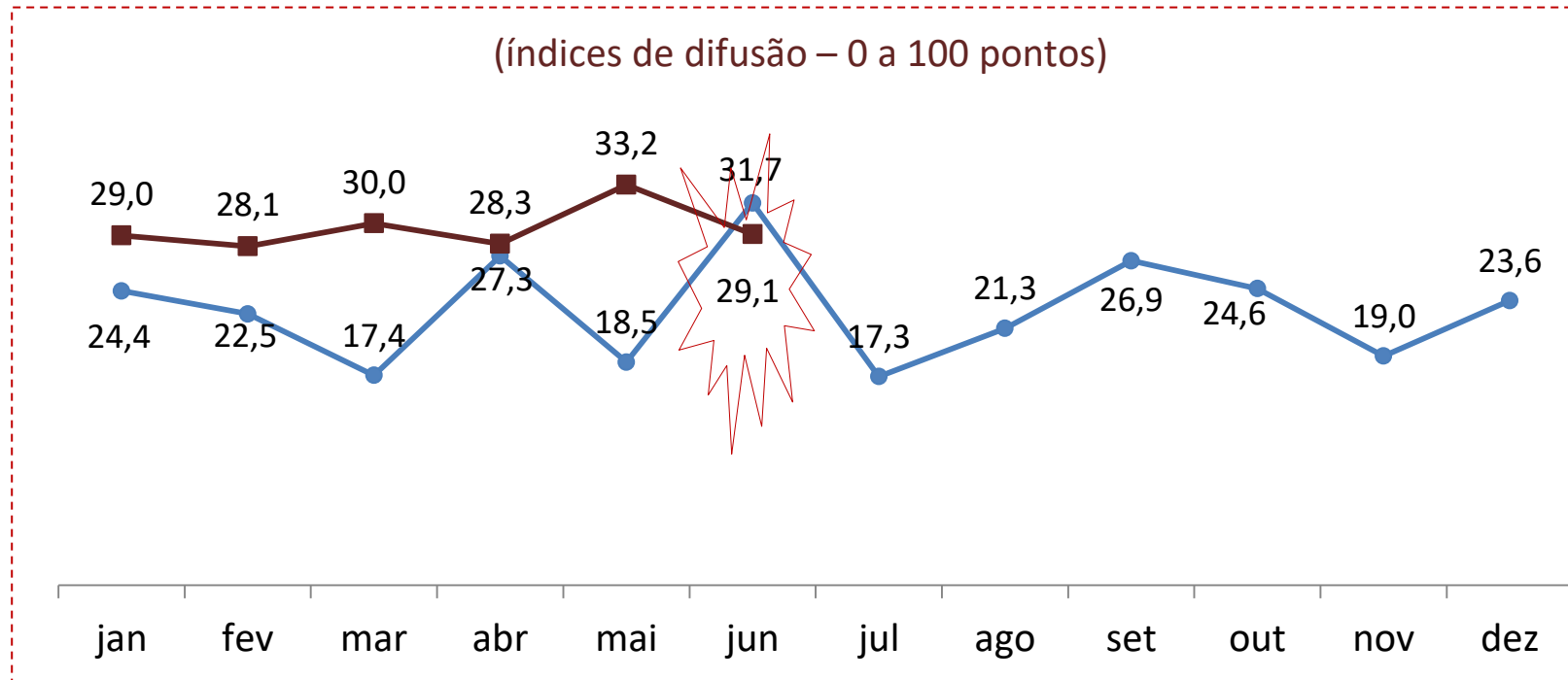
### Evolução do Nível de Atividade – Maio de 2017



#### Atividade da construção continuou reduzindo perdas em maio

- ✓ A Indústria da Construção do Rio Grande do Norte continuou reduzindo perdas no mês de maio, a exemplo do ocorrido em abril, de acordo com a Sondagem Indústria da Construção. Mesmo em declínio, o indicador de nível de atividade, que atingiu 48,8 pontos, foi o maior desde janeiro de 2014 quando alcançou 49,2 pontos. A queda no número de empregados teve continuidade, embora tenha perdido força. O nível médio de Utilização da Capacidade de Operação (UCO) recuou de 44% para 41%. Apesar do indicador do nível de atividade vir caindo com intensidade moderada há dois meses seguidos, as expectativas dos empresários potiguares em relação aos próximos seis meses tornaram-se mais pessimistas em todos os aspectos avaliados a saber: nível de atividade, compras de insumos e matéria-prima, novos empreendimentos e serviços e número de empregados e a intenção de investimento.
- ✓ Os resultados consolidados da Sondagem para o conjunto do Brasil, apontam avaliações convergentes com as potiguares, com a diferença de que os empresários nacionais apresentaram expectativas menos pessimistas em relação aos próximos seis meses.

## Intenção de Investimento na Indústria da Construção nos próximos seis meses - Junho de 2017



Fonte: FIERN/CNI – Sondagem Indústria da Construção - Unidade de Economia e Estatística

**O índice varia de 0 a 100 pontos. Quanto maior o índice, maior a propensão da indústria a investir**

## RN - Comércio Exterior

### **Exportações perdem intensidade em maio**

No mês de maio, as exportações do Rio Grande do Norte totalizaram US\$ 13,710 milhões e as importações US\$ 26,432 milhões, resultando em um déficit comercial de US\$ -12,722 milhões. Em relação a abril, as vendas recuaram 28,0%, enquanto as compras aumentaram 166,8%. Dessa maneira, entre abril e maio o saldo da balança comercial passou de superavitário a deficitário. A soma dos valores exportados com os importados gerou uma corrente de comércio de US\$ 40,142 milhões, que aumentou 39,2% ante o mês anterior. (Gráfico no slide seguinte). Os produtos mais exportados em maio foram tecidos de algodão, peixes, castanhas de caju, granitos e mamões.

No período janeiro-maio, as exportações somaram US\$ 117,776 milhões e aumentaram 21,2% ante o mesmo período de 2016, enquanto as importações totalizaram US\$ 80,665 milhões e aumentaram 33,5% .

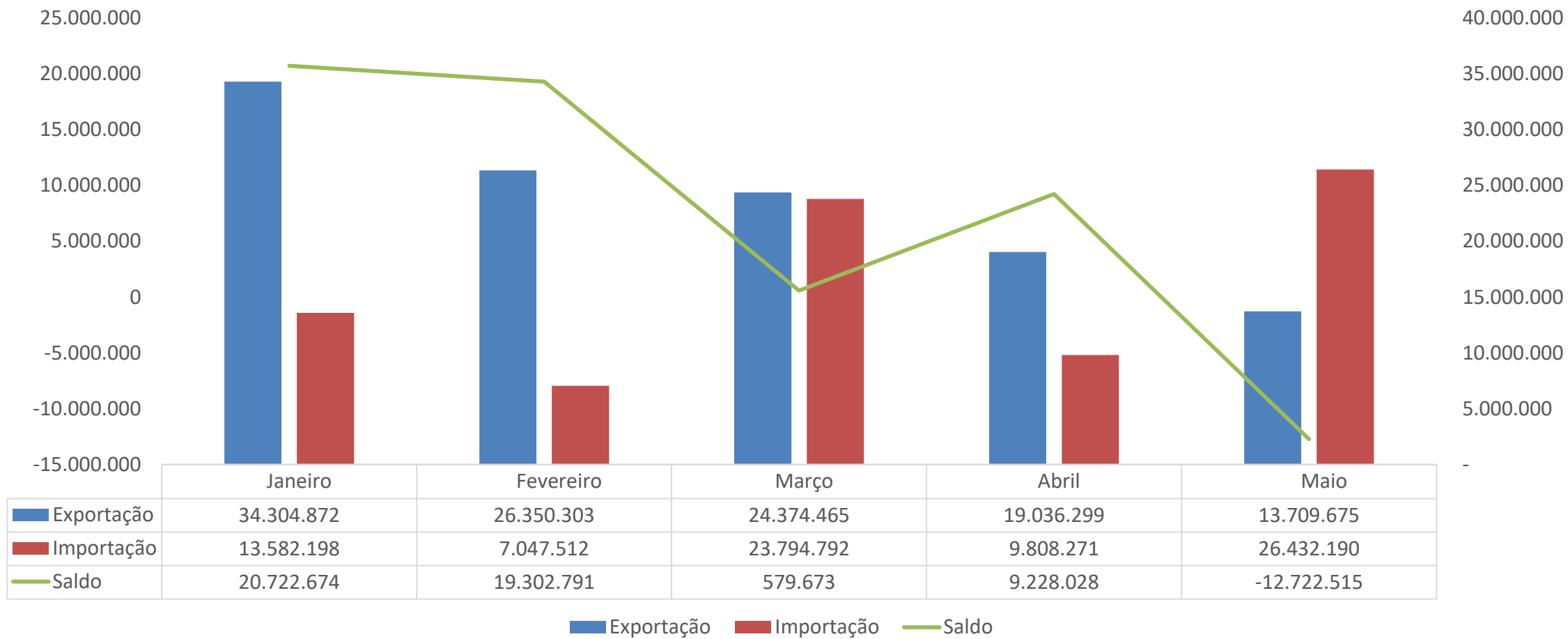
A pauta exportadora acumulada no período continuou dominada pelas frutas (54,0%), com destaque para melões (33,2%) e castanhas (8,5%); e produtos minerais (13,6%), principalmente o sal marinho (9,9%). Em termos de crescimento da receita, comparado ao período janeiro-maio de 2016, merece destacar o desempenho das vendas de melões (187,7%), melancias (271,3%) e minério de tungstênio (156,6%).

Nos desembarques, as maiores participações ficaram a cargo dos insumos e matérias-primas destinados à indústria, como trigo e farinha de trigo (25,7%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (18,4%); algodão (11,2%) e plásticos (10,0%). Quanto ao crescimento das aquisições do período, os principais destaques foram registrados pelo algodão, incluindo fios e produtos têxteis (509,2%) e das máquinas, aparelhos e materiais elétricos (123,2%).

O saldo da balança comercial do período janeiro-maio resultou superavitário em US\$ 37,110 milhões, enquanto na mesma base de 2016 havia sido de US\$ 36,760 milhões. A corrente de comércio atingiu US\$ 198,440 milhões, com avanço de 25,9% em comparação ao resultado do mesmo período de 2016. (Quadro no final da seção).

# Balança comercial do Rio Grande do Norte

## Janeiro – maio de 2017 (US\$ FOB)



# Comércio Exterior – Rio Grande do Norte

Janeiro - Maio de 2017

**Exportações : 21,2% ↑ (US\$ 117,776 milhões)**

**Destaque em participação:**

→ Frutas (54,0%): Melões (33,2%) e Castanhas de caju (8,5%) e Minerais (13,6%): Sal Marinho (9,9%).

**Destaques em crescimento: ↑**

Melancias (271,3%), Melões (187,8%), Tungstênio (156,6%).

**Importações: 33,5% ↑ (US\$ 80,665 milhões)**

**Destaque em participação:**

Insumos e matérias-primas industriais: Trigo e farinha de trigo (25,7%), Máq. aparelhos e materiais elétricos (18,4%), Algodão (11,2%) e Plásticos (10,0%) .

**Destaques em crescimento: ↑**

→ Algodão, incluindo fios e têxteis (509,2%), Castanhas de caju (617,7%) e Máq. aparelhos e materiais elétricos (123,2%).

**Saldo Comercial: janeiro-maio**

→ **US\$ FOB 37,110 milhões**

# Links Consultados

## **Brasil - IBGE**

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/2015/pimpfbr/default.shtm>

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/comercio/pmc/default.shtm>

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/servicos/pms/default.shtm>

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad\\_continua\\_mensal/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua_mensal/default.shtm)

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>

## **Inflação - IBGE**

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc\\_ipca/defaultinpc.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultinpc.shtm)

## **Banco Central**

<http://www.bcb.gov.br/?INDECO>

<http://www.bcb.gov.br/?FOCUSRELMERC>

<http://www.bcb.gov.br/?RI>

<http://www.bcb.gov.br/?ecoimprensa>

## **Comércio Exterior - MDIC**

<http://aliceweb.mdic.gov.br/>

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5>

<http://www.brasilglobalnet.gov.br/>

## **CNI**

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/sondagem-industrial/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/sondagem-industria-da-construcao/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/icei-indice-de-confianca-do-empresario-industrial/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/investimentos-na-industria/>

## **Emprego com carteira - MTE**

<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>

<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>

## **IEDI**

<http://www.iedi.org.br/cartas>

## **Jornal Valor Econômico**

<http://www.valor.com.br/>

## **Fundação Getúlio Vargas**

<http://portalibre.fgv.br/main>

# **Elaboração**

**Sandra Lúcia Barbosa Cavalcanti**  
**Unidade de Economia e Estatística**  
**sandra@fiern.org.br**  
**(84) 3204 6291**